



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

LUANA DA SILVA

**IMPACTO DAS OFICINAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Londrina
2024

LUANA DA SILVA

IMPACTO DAS OFICINAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientador: Profa. Dra. Rosângela Aparecida Pimenta.

Coorientador: Profa. Dra. Naiara Barros Polita.

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

da Silva, Luana .

IMPACTO DAS OFICINAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO / Luana da Silva. - Londrina, 2024. 98 f.

Orientador: Rosângela Aparecida Pimenta.

Coorientador: Naiara Barros Polita.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Professores escolares - Tese. 2. Educação sexual - Tese. 3. Adolescência - Tese. 4. Enfermagem Pediátrica - Tese. I. Aparecida Pimenta, Rosângela . II. Barros Polita, Naiara . III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. IV. Título.

CDU 616-083

LUANA DA SILVA

IMPACTO DAS OFICINAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosângela Aparecida Pimenta
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Adriana Valongo Zani
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Jonas Sâmí Albuquerque de Oliveira
Universidade Estadual do Rio Grande do
Norte - UERN

Londrina, 20 de fevereiro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por iluminar cada momento da minha vida e providenciar o necessário para que essa trajetória fosse rica em constantes aprendizados.

Agradeço aos meus pais Mariangela e Joel, minha irmã Giovanna e avó Maria por sempre me incentivar a lutar por meus sonhos. Ao meu marido, Giovanni por ser meu suporte e me acompanhar com amor e paciência em cada passo.

As amigas, Jessica, Karolaine e Isabella que cultivei ao longo dessa caminhada científica, pois possibilitaram a partilha de experiências e vivências que tornaram a jornada mais leve.

Aos professores e coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, que dedicaram tempo e compartilharam seus saberes ao longo do curso para que hoje eu celebre a conquista de concluir esse ciclo acadêmico. Em especial a minha orientadora Prof^a Dra. Rosângela Aparecida Pimenta por ser exemplo de profissional e, desde a graduação, me acompanhar, ensinar e incentivar a buscar sempre mais. A minha Co-orientadora Prof^a Dra. Naiara Barros Polita que com muita paciência e sucessivos encontros me auxiliou a trilhar caminhos em meio a pesquisa qualitativa. A Prof^a Dra. Jaqueline Aparecida Raminelli que possibilitou imenso aprendizado em estatística e foi fundamental para o desenvolver da pesquisa quantitativa.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação Tecnologia e Inovação em Saúde (GEPATIS), que favoreceu espaços para compartilhar saberes e experiências científicas e possibilitar encontros com pessoas e expertises múltiplas.

Aos órgãos de fomento, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que favoreceu todo seguimento da pesquisa por meio do seu financiamento. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me permitiu ser bolsista no Mestrado e auxiliou financeiramente a minha trajetória nesse período.

Ao colégio que abriu as portas para realização deste estudo e aos professores que fizeram parte da pesquisa, por dedicarem seu tempo e relatos que possibilitassem a construção dessa dissertação.

A Prof^a Dra. Adriana Valongo Zani e Prof. Dr. Jonas Sâmí Albuquerque de Oliveira, que como banca avaliadora contribuíram com suas expertises para lapidar essa pesquisa.

“Tudo por amor, com alegria”
Pe. José Kenterich

RESUMO

SILVA, Luana da. **Impacto das oficinas de educação sexual para professores do ensino fundamental e médio**. 2024. 98 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

Introdução: Considerando processos que envolvem a sexualidade e as vulnerabilidades que emergem no processo do adolecer e que a escola se caracteriza como espaço que abrange os adolescentes e o professor é aquele que diariamente está em contato com esse público, portanto são peças-chave para promover a educação sexual, no entanto enfrentam múltiplos desafios. Assim, é necessário que aconteça formação e preparo para professores escolares a fim de que tenham subsídio para abordar a sexualidade na escola. **Objetivo:** Analisar o efeito da oficina de educação sexual no conhecimento dos professores de escola pública de ensino fundamental e médio. **Método:** Trata-se de um estudo quase-experimental com abordagem quantitativa e qualitativa realizado com professores do ensino fundamental e médio de um colégio estadual do norte do Paraná, de fevereiro a junho de 2023. No estudo quantitativo foi realizada intervenção com oficinas de educação sexual com os professores, antes e após cada oficina foi aplicado o pré e pós-teste via *google forms*, contendo afirmativas com conteúdos relacionados aos temas desenvolvidos durante as oficinas. Os dados foram transportados de uma planilha *Microsoft Excel*[®], organizados e analisados no software *R Core Team*, versão 2020[®], foi aplicado teste *t-Student* pareado e análise de variância para comparar as diferentes áreas de atuação dos professores, todos com nível de significância de 5%. Para o estudo qualitativo realizou-se entrevistas gravadas com os professores participantes da oficina até obter-se saturação de códigos. Utilizou-se como referencial teórico a teoria do pensamento complexo de Edgar Morin e os resultados foram analisados seguindo o referencial metodológico de Braun e Clarke. **Resultados:** No primeiro estudo a média geral de acertos no pós-teste foi significativamente maior do que no pré-teste, bem como quando comparado os diferentes constructos do conhecimento. Quando comparada as médias de conhecimento entre as áreas de atuação dos professores, antes e após a participação na oficina, não foram estatisticamente significativas. No segundo estudo qualitativo, por meio dos relatos emergiram quatro temas: 1. Corresponsabilidade escola-família na educação sexual do adolescente; 2. Desafios para abordar a sexualidade no ambiente escolar; 3. Estratégias para abordar a sexualidade no ambiente escolar; 4. Aplicabilidade da oficina em sala de aula. **Conclusão:** As oficinas de educação sexual indicaram impacto sobre ganho de conhecimento dos professores na temática. Também foi revelado a importância da educação sexual com a população adolescente no ambiente escolar bem como a corresponsabilidade deste setor com a familiar nessa formação. Ao buscar abordar essa temática no ambiente escolar, professores, mas buscam estratégias para oportunizar o conhecimento de forma segura e efetiva.

Palavras-chave: Professores escolares; Educação sexual; Ensino fundamental e médio; Adolescência; Enfermagem pediátrica.

ABSTRACT

SILVA, Luana da. **Impact of sexual education workshops for elementary and secondary school teachers**. 2024. 98 p. Dissertation (Master's in Nursing) – State University of Londrina, Londrina, 2024.

Introduction: Considering processes that involve sexuality and the vulnerabilities that emerge in the process of adolescence and that the school is characterized as a space that encompasses adolescents and the teacher is the one who is in contact with this public on a daily basis, therefore they are key players in promoting sexual education, however, faces multiple challenges. Therefore, it is necessary to provide training and preparation for school teachers so that they have support to address sexuality at school. **Objective:** To analyze the effect of the sexual education workshop on the knowledge of public elementary and secondary school teachers. **Method:** This is a quasi-experimental study with a quantitative and qualitative approach carried out with elementary and secondary school teachers from a state school in the north of Paraná, from February to June 2023. In the quantitative study, an intervention was carried out with education workshops sexual relations with the teachers, before and after each workshop, the pre- and post-test was administered via Google Forms, containing statements with content related to the themes developed during the workshops. The data was transported from a Microsoft Excel® spreadsheet, organized and analyzed in the R Core Team software, version 2020®, paired t-Student test and analysis of variance were applied to compare the different areas of activity of the teachers, all with a level of significance of 5%. For the qualitative study, recorded interviews were carried out with the teachers participating in the workshop until code saturation was achieved. Edgar Morin's theory of complex thinking was used as a theoretical framework and the results were analyzed following the methodological framework of Braun and Clarke. **Results:** In the first study, the overall average number of correct answers in the post-test was significantly higher than in the pre-test, as well as when comparing the different knowledge constructs. When comparing the average knowledge between the teachers' areas of activity, before and after participating in the workshop, they were not statistically significant. In the second qualitative study, four themes emerged through the reports: 1. School-family co-responsibility in adolescent sexual education; 2. Challenges in addressing sexuality in the school environment; 3. Strategies to address sexuality in the school environment; 4. Applicability of the workshop in the classroom. **Conclusion:** Sexual education workshops indicated an impact on teachers' knowledge gain on the subject. The importance of sexual education with the adolescent population in the school environment was also revealed, as well as the co-responsibility of this sector with the family in this training. When seeking to address this issue in the school environment, teachers seek strategies to provide knowledge in a safe and effective way.

Key-words: School teachers; Sex education; Elementary and high school; Adolescence; Pediatric nursing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Estudo 1

- Figura 1** – Comparação da média de acertos dos professores, antes e após participação na oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023..... 33
- Figura 2** – Comparação da proporção média de acertos entre as quatro áreas de atuação docente no pré e no pós-teste, norte do Paraná, 2023..... 35

LISTA DE TABELAS

Estudo 1

Tabela 1 – Comparação na média de acertos dos professores, antes e após participação na oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023.....	34
---	----

LISTA DE QUADROS

Estudo 1

Quadro 1 – Descrição das dinâmicas que compõe a oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023.....	29
---	----

Estudo 2

Quadro 1 – Detalhamento das dinâmicas contidas na oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023	47
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GEPATIS	Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação Tecnologia e Inovação em Saúde
UEL	Universidade Estadual de Londrina
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal de Nível Superior
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
OMS	Organização Mundial da Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
UBS	Unidade Básica de Saúde
PCN	Plano Curricular Nacional
PSE	Programa Saúde na Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
ANOVA	Análise de Variância
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
SEED	Secretaria Estadual de Educação
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
COREQ	<i>Consolidated Criteria For Reporting Qualitative Research</i>
RCO	Registro de Classe Online
CEP	Comitês de Ética em Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
LABESC	Laboratório Escola de Pós-Graduação
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Queer
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e Pansexuais
DIU	Dispositivo Intrauterino
HPV	Papiloma Vírus Humano

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	15
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	16
2.1	Adolescência, sexualidade e vulnerabilidades	16
2.2	Educação sexual na escola e o professor multiplicador	18
2.3	Pergunta de pesquisa	20
2.4	Hipóteses	20
3	OBJETIVOS	22
3.1	Objetivo geral	22
4	RESULTADOS	23
4.1	Estudo 1 - oficina de educação sexual com professores do ensino fundamental e médio: estudo quase experimental	24
4.1.1	Título	24
4.1.2	Resumo	24
4.1.3	Introdução.....	26
4.1.4	Material e método.....	27
4.1.5	Resultados.....	32
4.1.6	Discussão	35
4.1.7	Conclusão	37
4.1.8	Referências	38
4.2.	Estudo 2 - Percepções de professores sobre educação sexual na escola à luz da complexidade de morin	41
4.2.1	Título	41
4.2.2	Resumo	41
4.2.3	Introdução.....	43
4.2.4	Material e método.....	44
4.2.5	Resultados.....	50
4.2.6	Discussão	59
4.2.7	Conclusão	66

4.2.8	Referências	67
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	73
	APÊNDICES	76
	APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados (Pré e pós- teste)	77
	APÊNDICE B – Quadro de letramento em saúde	80
	APÊNDICE C – Escala <i>Likert</i> para validade de conteúdo do pré e pós-teste	89
	APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professores	93
	ANEXOS	94
	ANEXO A – Parecer de aprovação da Secretaria de Estado da Educação	95
	ANEXO B – Parecer de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa	96

1 APRESENTAÇÃO

Iniciei meu percurso acadêmico ao ingressar na graduação de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2016. Esse período foi permeado de intensas descobertas e vivências, mas dois grandes momentos me fizeram trilhar as escolhas que hoje vivo: primeiro foi a participação no projeto de extensão brinquedo terapêutico, pois foi a partir da experiência com as crianças que me despertou o desejo em especializar na área e, assim ao sair da graduação, em 2020, ingressei na residência de Saúde da Criança e vivi dois anos de imersão total no mundo da pediatria.

Outro marco importante dentro da graduação que frutificou, após o término do curso, foi ter participado do Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação Tecnologia e Inovação em Saúde (GEPATIS) que fortaleceu o meu vínculo com a pesquisa, me auxiliou a construção de dois estudos de iniciação científica com bolsa durante a graduação que me fez reconhecer a área da pesquisa como um caminho pelo qual eu gostaria de seguir, bem como a docência. Assim, ao finalizar a residência em 2023, iniciei o mestrado em Enfermagem sob a orientação da Prof^a Dra. Rosângela Aparecida Pimenta que me acompanha e orienta desde o primeiro ano da graduação.

O desenvolvimento do presente estudo é um recorte do projeto multicêntrico: “Adolescência e juventude & exposição ao HIV em estados brasileiros: análise epidemiológica, geoespacial e desenvolvimento de ações preventivas multiplicadoras”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que me foi apresentado, pela minha orientadora e fez meus olhos brilharem para a educação sexual com professores do ensino fundamental e médio.

Atualmente também atuo como docente do curso técnico de Enfermagem no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E VULNERABILIDADES

A adolescência é um período de desenvolvimento compreendida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como aquela que se estabelece entre 12 e 18 anos. Por outro lado, a Organização Mundial da Saúde (OMS), caracteriza os adolescentes como aqueles que se encontram na faixa etária entre 10 e 19 anos (Brasil, 1990; Brasil, 2007).

Fisiologicamente a adolescência é marcada pelo ápice das transformações físicas ocasionadas pela puberdade. Nessa fase acontece o amadurecimento sexual que fisicamente repercute nas meninas pelo surgimento do broto mamário (telarca), crescimento dos pelos pubianos e axilares (pubarca) e com o evento da primeira menstruação (menarca). Enquanto nos meninos pubarca, modulação da voz atingindo um mais grave, maturação da genitália e recorrente ejaculações noturnas, denominadas como polução noturna que se caracteriza pela ejaculação noturna (Feibelmann *et al.*, 2020).

Além das repercussões biológicas, o processo de adolecer é caracterizado pela presença de fortes contrastes que condicionam aspectos comportamentais e sociais. Há uma busca desenfreada por independência e necessidade de pertencimento a um grupo, aumentando as relações entre amigos e atrelado ao distanciamento familiar, bem como um despertar de curiosidades e turbilhão de dúvidas que surgem com o amadurecimento sexual (Bungener *et al.*, 2022).

Devido ao tabu que prevalece na sociedade, não são abordadas de forma livre e esclarecida questões sexuais, tornando o assunto velado, o que prejudica o esclarecimento de dúvidas e construção do saber dos adolescentes com respeito a educação sexual favorecendo que as vulnerabilidades presentes nessa fase se sobressaiam (Bexiga; Duarte, 2023) .

Comportamentos de risco adotados pela população adolescente podem acarretar consequências e responsabilidades que se estenderão por toda a vida. Dentre as vulnerabilidades emergentes nessa faixa etária, a gravidez não planejada e precoce é considerada uma das principais causas de morbimortalidade deste grupo etário. Por meio de uma variação espacial, um estudo de geoprocessamento

evidenciou que as regiões brasileiras centro-oeste, norte e nordeste expressam as medianas mais elevadas de fecundidade entre meninas de 15 a 19 anos (Nascimento *et al.*, 2021).

No Brasil a gravidez na adolescência está fortemente associada ao início da vida sexual precoce entre 13 e 14 anos, e baixa escolaridade, a condição socioeconômica frágil e o estigma social que também favorecem a gravidez na adolescência e estão atreladas a complicações e desfechos desfavoráveis a saúde materna (Sá *et al.*, 2022).

As adolescentes grávidas tendem a iniciar tardiamente o pré-natal e têm frequência inadequada nas consultas. Dentre os maiores riscos de uma gravidez precoce está a prematuridade, aborto espontâneo, hemorragias, seguido de eclampsia além de somar o fato da gravidez advir de uma relação sexual desprotegida e aumentar as chances de exposição e, coincidentemente, aquisição de uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), caracterizando outro cenário complexo que requer atenção (Assis *et al.*, 2021).

Só no ano de 2022 foram notificados 3.729 novos casos de Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) em adolescentes. A OMS estima que, anualmente, aconteçam 357 milhões de novas infecções por clamídia, tricomoníase, gonorreia e sífilis. Houve aumento nos casos de sífilis na faixa etária de 13 a 19 em comparação com os anos de 2015 e 2021, neste último, a maior incidência dos casos ocorreu no sexo feminino (Brasil, 2022).

Com destaque a sífilis, leva a mais de 300 mil mortes fetais mundialmente e aumenta o risco de mortes prematuras, ao considerar a alta incidência de adolescentes gestantes e seu risco aumentado de contrair IST, há-se um alerta de saúde pública (Azevedo *et al.*, 2018).

Dentre as principais formas de prevenir as IST, o uso do preservativo é o recomendado, pois previne também a gravidez não planejada. No entanto, muitos adolescentes relatam o não uso desse método e, relatam como motivos, a falta de informações sobre o acesso gratuito ao preservativo na Unidade Básica de Saúde (UBS) e desconhecimento da forma adequada do seu uso (Moreira *et al.*, 2022).

O estudo de Duby *et al.* (2022) trouxe como problema a baixa taxa de uso do preservativo, pois destaca em seu estudo a preocupação da menina sob o que o parceiro ia pensar ao pedir para usar o preservativo, pautado na convicção de que o homem é detentor das tomadas decisões na relação, inclusive quanto a escolha do

método contraceptivo, assim reforça o pensamento de que o machismo estruturado ainda é presente na sociedade. Esses achados ressaltam o quão fundamental é a instituição de políticas públicas e ensino voltadas a população adolescente.

2.2 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E O PROFESSOR MULTIPLICADOR

A escola é considerada como um espaço privilegiado, preenchido por encontros estabelecidos pelas conexões entre diversas idades e subjetividades. É um local onde deve ser possível questionar interesses, solucionar dúvidas, desenvolver autonomia e se caracteriza como possível vislumbrar a unicidade em um lugar de grupo. Além disso, o indivíduo se desenvolve e passa da infância para adolescência simultaneamente, trilha o seu caminho estudantil, portanto, vive essa transformação nesse ambiente, assim se torna um local propício para discussões que envolvam a saúde sexual (Bexiga; Duarte, 2023).

No Brasil, a primeira tentativa de inserir o conceito de educação sexual, no ambiente escolar aconteceu em meados da década de 30 no Rio de Janeiro, no entanto, nesse período havia forte repressão da igreja católica quanto a liberação de discussão sobre essa temática nesse ambiente ao levar em consideração que na época as expressões da sexualidade possuíam caráter pecaminoso e, a igreja, possuía poder na tomada de decisões sobre a educação no país (Bueno; Ribeiro, 2018).

No passado histórico a sexualidade possuía caráter confidencial, restrito e velado e, com o passar do tempo e com inserções ao longo da história de discussões e reflexões acerca do tema, permitiram visualizar a sexualidade como aspecto unidimensional, por ser um assunto da subjetividade de cada ser, mas também multidimensional ao considerar que ela envolve aspectos dos âmbitos social, cultural, econômicos e político (Louro, 2018).

Com o surgimento do Plano Curricular Nacional (PCN), em 1997, foi possível que ocorresse a reestruturação da grade curricular do ensino fundamental no Brasil. Esse plano enfatizou a ampliação dos conhecimentos e ofertou suporte pedagógico ao planejamento e elaboração prática educativa por parte do professor, bem como implantou a saúde e sexualidade como tema transversal, assim estabeleceu que a temática fosse abordada em sala de aula, dentro dos diversos saberes, o que favorece a proximidade do educador e do educando com o tema (Brasil, 1997).

Somado a esse fato o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também estabelece que haja formação dos profissionais da saúde e educação com o objetivo de promover a proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, além de instruir sobre a identificação e enfrentamento as formas de violência contra esse público (Brasil, 1990).

Em 2007, foi criado o Programa Saúde Escolar (PSE) decreto presidencial nº 6.286, com ação conjunta do Ministério da Educação e da Saúde, para promover ações que garantissem a integralidade da formação e desenvolvimento dos estudantes por meio de ações que promovam o bem-estar desta população e, insere nesse contexto, discussões que consideram as necessidades no que tange a saúde sexual dos adolescentes (Rios *et al.*, 2023).

De modo que a educação sexual se torne uma realidade no ambiente escolar, o professor tem papel central nesse cenário, pois está diariamente em sala de aula e, a proatividade com planos didáticos que oportunizem a construção de um saber sólido junto ao estudante poderá despertar a curiosidade e favorecer momentos de discussões saudáveis sobre a dimensão sexual que envolve os mais diversos contextos (Koch; Beyers, 2023).

No entanto, o cenário atual de políticas que fomentem esse estímulo aos professores para que a temática seja abordada estão defasados e desencorajam a abordagem da sexualidade na escola. Desde 2015 com o PNE e, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) as reflexões acerca do tema foram reprimidas e minimizadas no ambiente escolar (Furlaneto *et al.*, 2018).

Devido a essas diretrizes, a educação sexual passou a ser prevista a acontecer somente na disciplina de ciências, no 8º ano do ensino fundamental. Com a rigidez da estrutura curricular sobre o tema perdeu-se a sua multidisciplinariedade o que demonstra que há muito que avançar sobre a abertura dessa temática no ambiente escolar (Miura *et al.*, 2023).

Em consonância com o cenário de fragilidades na política de incentivo a abordagem desse tema na escola, tem-se também a necessidade de que quando surge em sala de aula, é necessário considerar que seja abordado de forma atrativa ao adolescente e ser transmitido de modo dinâmico, afim de instigar e possibilitar a construção de um conhecimento que atenda às necessidades e a realidade social e cultural dessa população para que esse ensino fortaleça a adesão de tomadas de decisão seguras por parte dos adolescentes (Moreira *et al.*, 2021).

Como ferramenta ao professor para uma abordagem crítica-reflexiva e dinâmica, encontra-se as oficinas, pois estimula o interesse dos alunos, possibilitam abertura para discussões, reflexões sobre conceitos e ações coletivas ou individuais, somatiza um compilado de experiências ao permitir a interação entre integrantes de um grupo e favorece a construção de saber aplicável na vida diária (Zompero; Klein; Teruel, 2022). Também consideramos que permite a autorreflexão sem respostas rígidas e despersonalizadas, horizontaliza as discussões entre adolescentes e o professor.

Ao considerar as diversas possibilidades de construção do conhecimento que a oficina pode favorecer, torna-se essa uma metodologia que pode ser utilizada para a educação sexual no ambiente escolar. Nesse método, o professor se torna mediador e conduz o cenário de aprendizado e nesse meio de construção do saber surgem dúvidas e múltiplas discussões sobre o assunto, pois é espaço aberto para fala. No entanto, há relatos de dificuldades por parte dos professores com relação a falta de formação docente sobre sexualidade que, conseqüentemente, gera o sentimento de medo e insegurança para a abordá-lo, desfavorecendo a aplicabilidade sistematicamente (Morais; Guimarães; Menezes, 2021).

Mediante os desafios enfrentados pelo professor para abordar a temática sobre sexualidade em sala de aula, este estudo se justifica visto a importância em ofertar espaços e ferramentas para essa população que contribuam para discussão sobre educação sexual no intuito de multiplicar conhecimentos com base científica de forma clara, atrativa, segura e criativa para ser aplicada nas diferentes disciplinas curriculares para os adolescentes e, assim, promover saúde sexual no ambiente escolar.

2.3 PERGUNTA DE PESQUISA

A participação em oficinas de educação sexual proporcionou mudança no conhecimento dos professores do ensino fundamental e médio?

2.4 HIPÓTESES

h_0 : A participação em oficinas de educação sexual não proporcionou mudança no conhecimento dos professores do ensino fundamental e médio.

h1: A participação em oficinas de educação sexual proporcionou mudança parcial no conhecimento dos professores do ensino fundamental e médio. h2: A participação em oficinas de educação sexual proporcionou mudança no conhecimento dos professores do ensino fundamental e médio.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o efeito da oficina de educação sexual no conhecimento dos professores de escola pública de ensino fundamental e médio.

4 RESULTADOS

Os resultados da presente dissertação serão apresentados no formato de dois estudos, sendo:

ESTUDO 1 – OFICINA DE EDUCAÇÃO SEXUAL COM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL, com o seguinte objetivo:

- Analisar e comparar o nível de conhecimentos dos professores do ensino fundamental e médio antes e depois da sua participação na oficina de educação sexual

ESTUDO 2 – PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA À LUZ DA COMPLEXIDADE DE MORIN, com o objetivo:

- Compreender a percepção de professores quanto a abordagem de educação sexual dentro do ambiente escolar.

4.1 ESTUDO 1

4.1.1 OFICINA DE EDUCAÇÃO SEXUAL COM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO: ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL.

4.1.2 RESUMO

Objetivo: Analisar e comparar o nível de conhecimentos dos professores do ensino fundamental e médio antes e depois da sua participação na oficina de educação sexual **Método:** Estudo quase experimental do tipo antes e depois em que se aplicou oficinas de educação sexual como intervenção com professores do ensino fundamental II e médio de uma escola pública em uma cidade ao norte do Paraná nos meses de fevereiro e março de 2023. Para análise dos dados utilizou-se o software *R Core Team*, versão 2020[®] e aplicou-se o teste *t-Student* pareado e análise de variância para comparar as diferentes áreas de atuação dos professores, todos com nível de significância de 5%. **Resultados:** A média geral de acertos no pós-teste foi significativamente maior do que no pré-teste. E ainda, quando comparado cinco diferentes constructos do conhecimento: construção do corpo feminino e masculino, gênero, métodos contraceptivos, IST, violência, drogas e direitos dos adolescentes, antes e após a participação na oficina, a média de acertos no pós-teste foi significativamente maior do que no pós-teste. A diferença encontrada entre as médias do conhecimento entre as áreas de atuação, antes e após a participação na oficina, não foram significativas. **Conclusão:** Evidenciou-se no conhecimento dos professores, após participação na oficina, aumento significativo de acertos.

Descritores: Professores Escolares; Educação Sexual; Ensino fundamental e médio; Educação em saúde; Enfermagem Pediátrica.

4.1 STUDY 1

4.1.1 SEXUAL EDUCATION WORKSHOP WITH ELEMENTARY AND HIGH SCHOOL TEACHERS: ALMOST EXPERIMENTAL STUDY.

4.1.2 ABSTRACT

Objective: To analyze and compare the level of knowledge of primary and secondary school teachers before and after their participation in the sexual education workshop
Method: Quasi-experimental study of the before and after type in which sexual education workshops were applied as an intervention with secondary school teachers elementary and secondary education at a public school in a city in the north of Paraná in the months of February and March 2023. For data analysis, the software R Core Team, version 2020® was used and the t-Student test was applied paired and analysis of variance to compare the different areas of activity of teachers, all with a significance level of 5%. **Results:** The overall average number of correct answers in the post-test was significantly higher than in the pre-test. Furthermore, when comparing five different knowledge constructs: construction of the female and male body, gender, contraceptive methods, STIs, violence, drugs and adolescent rights, before and after participating in the workshop, the average number of correct answers in the post-test was significantly higher than in the post-test. The difference found between the averages of knowledge between the areas of activity, before and after participating in the workshop, were not significant. **Conclusion:** A significant increase in correct answers was evident in the teachers' knowledge, after participating in the workshop.

Keywords: School Teachers; Sex Education; Elementary and high school; Health education; Pediatric Nursing.

4.1.3 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período complexo, repleto de transformações biológicas, sociais e emocionais, caracterizado pela impulsividade, e instabilidade comportamental atrelado a um momento em que acontecem múltiplas descobertas, principalmente relacionadas a sexualidade (Todesco *et al.*, 2023).

É no ímpeto da curiosidade em desvendar o desconhecido em meio a sua sexualidade que o adolescente se expõe a comportamentos de risco, com práticas sexuais inseguras, e revela um campo aberto de vulnerabilidades a qual estão condicionados por tais ações, sendo estas, principalmente a exposição à IST e gravidez na adolescência, trazendo consequências negativas a longo prazo, gerados principalmente pelo conhecimento insuficiente sobre o assunto (Ferreira *et al.*, 2020).

Embora atualmente os adolescentes tenham acesso facilitado a informações por meio da internet não é garantido que está seja uma fonte de conhecimento segura, tão pouco confiável e adequada para sanar as lacunas de conhecimento sobre sexualidade nessa faixa-etária. Portanto, cabe ressaltar o fundamental papel da educação sexual ao propagar informação correta e prevenir comportamentos de risco pela construção de um saber significativo no processo de adolecer (Souza; Saraiva, 2020)

Ao considerar que a grande parcela desta população frequenta diariamente o ambiente escolar ao longo de vários anos da sua adolescência, este espaço se torna fundamental para o desenvolvimento de ações que propaguem a educação sexual, pois é um local considerado adequado e seguro (Danzzman *et al.*, 2022).

Entretanto, para que a educação sexual seja efetiva, torna-se necessário acolher as dúvidas, minimizar as inquietações que a adolescência traz, bem como estruturar estratégias que tornem a abordagem da temática atrativa, clara e dinâmica, que envolva o aluno por meio de um ensino significativo e isso transpõe a mera exposição teórica, deve tornar o conhecimento palpável e aplicável em seu cotidiano à fim de reduzir comportamentos de risco (Moreira *et al.*, 2021).

Portanto, o papel do educador é crucial para a construção destes saberes junto aos adolescentes, pois são eles que possuem relação direta e contínua com os alunos e possibilitarão que essa abordagem aconteça na sala de aula. Porém há relatos de insegurança, despreparo e ausência de formação por parte dos professores. Contudo, torna-se necessário a construção de momentos oportunos para interlocução entre o

setor da saúde e da educação para fornecer, aos educadores, estratégias de abordagens que subsidiam a densidade do conhecimento técnico-científico que a temática compreende (Rossi *et al.*, 2021).

O uso das oficinas como metodologia para essa abordagem se constitui como ferramenta ímpar, pois se estabelece como uma estratégia de ensino-aprendizagem com foco na ação e base teórica, considera o diálogo, valores e subjetividades, bem como o conhecimento prévio dos participantes e estimula o pensamento crítico com ênfase na mudança de comportamento possibilitando repensar práticas e modos de viver (Nascimento; Amorim; Silva, 2020).

Considerando a oficina como ferramenta pedagógica para mudança de práticas e a escassez de formação de professores escolares frente ao desenvolvimento ações de educação sexual com adolescentes no contexto escolar, o presente estudo tem por objetivo analisar e comparar o nível de conhecimentos dos professores do ensino fundamental e médio antes e depois da sua participação na oficina de educação sexual.

4.1.4 MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de um estudo quase experimental do tipo antes e após realizado de fevereiro a março de 2023 com professores do ensino fundamental e médio de um colégio público de um município localizado ao norte do Paraná.

É recorte de um projeto intitulado “Adolescência e juventude & exposição ao HIV em estados brasileiros: Análise epidemiológica, geoespacial e desenvolvimento de ações preventivas multiplicadoras”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que aconteceu simultaneamente em cinco estados brasileiros, Ceará, Goiás, Pará, Paraná e Rio Grande do Norte.

O colégio público é estadual e está localizado na região leste de um município de médio porte ao norte do estado do Paraná, que no ano de 2023 possuiu o total de 1.361 alunos matriculados na faixa etária entre 10 e 19 anos, representando uma parcela da população adolescente matriculada nas escolas do município, estimada pelo censo escolar da Secretaria de Educação do Paraná em cinco mil alunos desse grupo etário (Paraná, 2024).

Para o convite da população alvo deste estudo, os professores que atuam em sala de aula com o público adolescente, foi realizado um convite inicial em caráter

explicativo na semana pedagógica do colégio, em fevereiro de 2023, ocasião essa em que a totalidade de 65 professores atuantes no ensino fundamental e médio encontravam-se reunidos na unidade para planejamento anual das atividades escolares.

Participaram do estudo 25 destes professores convidados, atendendo aos critérios de inclusão: Atuar no ensino fundamental e/ou médio e estar presente em todos os momentos da pesquisa. Os demais professores justificaram como motivos para recusa em participar da pesquisa a desmotivação, indisponibilidade de horários e resistência a temática. Foi adotado como critério de não inclusão a equipe pedagógica devido a hierarquia existente entre as classes, fator que poderia minimizar as discussões e reflexões no momento da intervenção.

Foram realizadas como intervenção oficinas de educação sexual com pequenos grupos, sendo: uma com 9 e duas com 8 professores. Cada oficina possuiu a duração média de quatro horas e foram realizadas em três dias distintos, foi oportunizado espaço de sala de aula no colégio atrelado a dia e horário aos quais os participantes demonstraram disponibilidade para realização das oficinas.

Para cada oficina executou-se três momentos, sendo o primeiro a aplicação de um instrumento (pré-teste) via plataforma *Google Forms*, com *QR code* de acesso no aparelho móvel próprio do professor. O segundo momento, a intervenção em si, uma oficina constituída de dinâmicas que abordam os seguintes temas: construção do corpo humano feminino e masculino; gênero; IST; métodos contraceptivos; violência e uso de drogas dentre os adolescentes. E no fechamento destes momentos aconteceu o preenchimento do pós-teste imediatamente ao término da oficina, via *QR code*, também com o aparelho móvel de cada professor.

O instrumento pré-teste foi constituído por questões sociodemográficas quanto as iniciais do nome, idade sexo, estado civil, cor/etnia, religião, disciplina de atuação e tempo de atuação e 40 afirmativas com opções para assinalar (verdadeira, falsa ou não sei) divididas em cinco constructos, sendo: construção do corpo feminino e masculino, gênero, métodos contraceptivos, IST, violência, drogas e direitos dos adolescentes, sendo esses temas todos abordados ao longo da oficina (APÊNDICE A).

Todas as afirmativas contidas nos questionários eram verdadeiras e para elaboração das mesmas, realizou-se revisão de literatura (APÊNDICE B), utilizando-se o conceito de letramento em saúde (Barbosa *et al.*, 2020) na busca de transmitir

aos participantes, informações seguras que contribuíssem para construção do seu conhecimento sobre sexualidade.

A oficina de educação sexual, intervenção deste estudo, foi conduzida pela pesquisadora e é constituída de 10 dinâmicas e dividida em duas partes, com breve intervalo de 10 min entre as duas partes. No quadro 1 há o detalhamento das dinâmicas:

Quadro 1 – Descrição das dinâmicas que compõe a oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023.

Dinâmica	Descrição
Primeira parte do período foram aplicadas cinco dinâmicas	
Dinâmica 1 Apresentação	Os participantes se apresentam dizendo seus nomes e a parte do próprio corpo que mais gostam.
Dinâmica 2 Construção do corpo masculino/feminino	É realizado a divisão dos participantes em dois grupos. Um deles tem a missão de desenhar um corpo masculino e outro um corpo feminino, em ambas as representações o corpo é desnudo, após isso é discutido as mudanças biopsicossociais que acontecem no período da adolescência e esclarecido questões de anatomia e fisiologia do corpo humano por meio de ilustrações.
Dinâmica 3 Questão de gênero: vantagens e desvantagens de ser homem e mulher	Nesse momento, não mais divididos em grupo, inicia-se a discussão sobre vantagens e desvantagens de ser homem e mulher resgatando crenças e papéis do homem e da mulher na sociedade.
Dinâmica 4 IST: O que conhecem e formas de transmissão e prevenção	São resgatados os conhecimentos prévios dos participantes com relação ao que conhecem, sinais e sintomas, formas de transmissão, tratamentos e prevenção das IST interpassado com apontamentos técnicos-científicos do(a) pesquisador(a) para fomentar a construção do conhecimento.
Dinâmica 5	É distribuído aos participantes cartões com afirmativas que descrevem ações relacionadas as formas de transmissão das

Semáforo: risco de adquirir HIV e Aids	IST, cada participante lê em voz alta a frase e classifica a ação descrita como risco alto (vermelho), médio (amarelo) ou baixo (verde), depositando o cartão sobre a cor com a qual ele a classificou e posterior inicia-se a discussão com o grupo após a leitura de cada afirmação.
--	--

Segunda parte do período foram aplicadas cinco dinâmicas

Dinâmica 6 Métodos contraceptivos	São resgatados os conhecimentos prévios dos participantes com relação ao que conhecem dos métodos, utilização, indicação e contraindicação. São realizados apontamentos técnicos-científicos do(a) pesquisador(a) para fomentar a construção do conhecimento.
Dinâmica 7 Gincana do preservativo	São apresentados e exemplificados os tipos de preservativo feminino e masculino. Os participantes são convidados a simular em uma prótese peniana a maneira correta de colocar o preservativo. Nesse momento são realizados apontamentos pelo(a) pesquisador(a) de modo a descrever a forma correta de utilizar todos os métodos com enfoque no preservativo, pois previne IST e gravidez não planejada.
Dinâmica 8 Mitos sobre métodos contraceptivos e meios de contágio das IST	Nesse momento são entregues cartões com frases que sinalizam um mito ou uma verdade relacionada à métodos contraceptivos e meios de contágio da IST. Cada participante lê em voz alta a frase e classifica em mito ou verdade e há-se discussão com o grupo após a leitura de cada afirmação.
Dinâmica 9 “Baladinha” Cartão com meios de transmissão e multiplicação das IST e Confete: uso	São distribuídos papéis em branco, desses, um papel terá uma demarcação com um círculo pequeno; outro papel é marcado com um “x” pequeno e um com um quadrado. É solicitado aos participantes que andem pela sala e peguem assinaturas dos colegas, durante esse processo, uma música (do gosto musical do grupo) está tocando e o pesquisador(a) transita entre os participantes oferecendo uma bala (doce) que simboliza uma droga ilícita (porém, nesse momento, os participantes não têm conhecimento dessa informação). Após

<p>de drogas lícitas/ilícitas e vulnerabilidade para IST e gravidez</p>	<p>o término da música os participantes são convidados a voltar para os seus lugares, o condutor da dinâmica solicita que se levante o participante que possui em seu papel um “x” demarcado e pede que leia o nome das assinaturas que ele coletou em seu papel, assim que cada um dessa lista também é convidado a se posicionar em pé. Em seguida o condutor esclarece ao grupo que o “x” no papel indicava um com IST e que todos daquela lista, também contraíram uma IST, pois a assinatura no papel simbolizava uma relação sexual, portanto os indivíduos que assinaram a lista de quem assinou no papel com “x” também se infectaram. Apenas a pessoa com um círculo demarcado em seu papel estaria protegida da infecção, pois este simbolizava o uso de preservativo na relação. O quadrado sempre é entregue a uma mulher e representava uma gravidez indesejada após uma relação desprotegida. Após praticamente todos os participantes estarem em pé, pois “se infectaram” nas relações simbolizadas pelas assinaturas. Finaliza-se essa dinâmica com uma reflexão sobre o risco da relação sexual desprotegida e o risco em aceitar substâncias oferecidas em festas, pensando que no percurso da dinâmica há uma tendência de os participantes aceitarem a bala ofertada pelo pesquisador(a), sem ao mesmo questionar o porquê. Discute-se também os comportamentos de risco atrelados a violência e fecha a discussão com reflexões sobre os direitos dos adolescentes.</p>
---	--

Dinâmica 10

Urna secreta:
Dúvidas dos
participantes e
encerramento

No início da oficina é disponibilizado uma urna, papéis e canetas para que os participantes escrevam dúvidas que não se sintam a vontade em realizar em voz alta para que sejam respondidas ao final da oficina.

Fonte: Próprio autor (2023)

Realizou-se uma avaliação do instrumento de coleta de dados (pré e pós-teste) no intuito de averiguar o nível de compreensão das afirmativas por meio de uma

escala do tipo *Likert* contendo as seguintes variáveis: não entendi nada; entendi um pouco; entendi mais ou menos; entendi quase tudo mas tive algumas dúvidas; entendi perfeitamente e não tenho dúvidas (APÊNDICE C).

Após a coleta, os dados foram transpostos da plataforma *Google forms* para uma planilha eletrônica no *Microsoft Excel*[®], em seguida foram organizados e analisados no software *R Core Team*, versão 2020[®].

Utilizou-se para análise descritiva as frequências absoluta e relativa, as variáveis contínuas medidas pela média, mediana e mínimo e máximo. Foram aplicados os testes estatísticos: *t-Student* pareado para comparar o desempenho/performance médio (acertos) pré e pós teste. Também foi realizada análise de variância (teste ANOVA) na comparação do conhecimento entre as quatro áreas de atuação dos docentes.

Para essa análise os professores foram caracterizados segundo a sua disciplina de atuação, para tanto utilizou-se a classificação de áreas do conhecimento segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para agrupá-los, sendo as disciplinas de arte, educação física, inglês e língua portuguesa agrupadas na área de linguagem e suas tecnologias (A1); Matemática (A2) que é disciplina e também área do conhecimento; Biologia, ciências, física e química inseridos na área de ciências da natureza (A3); História, geografia, sociologia e filosofia na área de ciências humanas e sociais aplicadas (A4). Todos os testes foram realizados com nível de significância de 5%.

O presente estudo foi autorizado pela Secretaria Estadual de Educação (SEED - PR) que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa na escola selecionada (ANEXO A) e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa mediante CAAE nº 61140022.5.0000.5231 conforme parecer nº 5.681.581 (ANEXO B).

Os participantes foram esclarecidos sobre os procedimentos do estudo, dos riscos e benefícios ao participarem do estudo. Foi garantido o anonimato e enfatizado que a participação seria de forma voluntária mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE D) após o aceite.

4.1.5 RESULTADOS

No que tange a caracterização dos 25 professores participantes. Em relação ao gênero a maioria era mulheres (80%), com idade média de 50 anos, grande parte

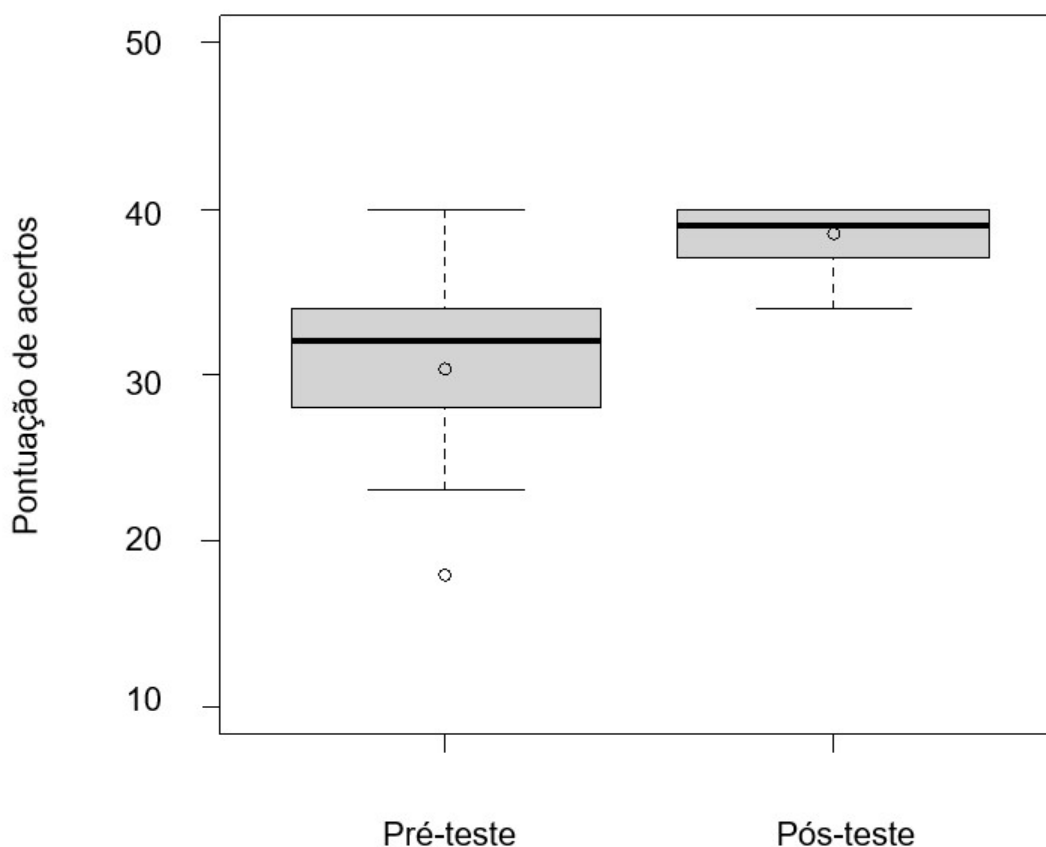
se autodeclarou brancos (92%), referiram estar em sua maioria em união estável (76%) e quanto a religião a maioria de declarou católico (92%).

A área de conhecimento de atuação dos professores participante mais frequente foi a de linguagem e suas tecnologias (44%) seguido de ciências humanas e sociais aplicadas (24%) e matemática (12%). O tempo médio de atuação como docente foi de 23 anos, com tempo mínimo de 2 anos e máximo de 34 anos.

Na figura 1 mostra a proporção de acertos gerais no pré e pós-teste e revela que houve aumento significativo (valor- $p=8.485e^{-09}$) na média de acertos após a participação na oficina. No pré-teste a média de acertos foi de 30,4 respostas corretas e passou para 38,5 no pós-teste.

Anteriormente a oficina houve um ponto de *outlier* representando um respondente que teve a média de acertos inferior ao primeiro quartil de 25%, não mais presente após a participação na intervenção.

Figura 1 – Comparação da média de acertos dos professores, antes e após participação na oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023.



Fonte: Próprio autor (2023).

Na tabela 1 foi comparado a média de acertos gerais entre os cinco constructos do conhecimento no pré e pós-teste. Como nível descritivo (valor-*p*) foi menor que 5% em todas as comparações, houve aumento significativo na média de acertos em todos os construtos do conhecimento.

Tabela 1 – Comparação na média de acertos dos professores, antes e após participação na oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023.

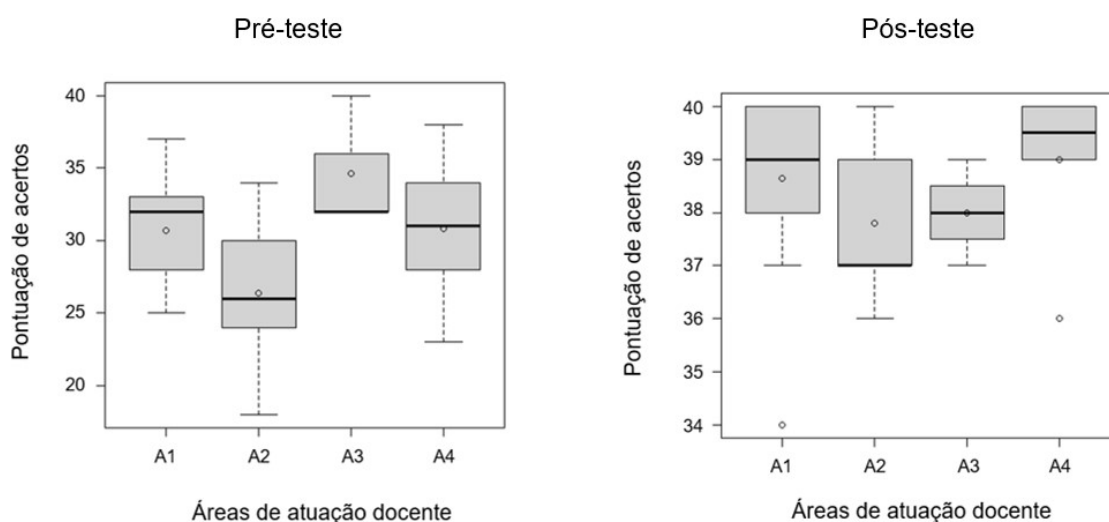
Constructos do conhecimento (nº de afirmativas por constructo)	Pontuação média de acertos		Valor- <i>p</i> *anotação científica
	Pré-teste	Pós-teste	
Construção do corpo feminino e masculino (n=11)	7,8	10,4	5,755*10 ⁻⁶
Gênero (n=5)	3,6	4,9	1,342*10 ⁻⁴
Métodos Contraceptivos (n=11)	9,6	10,6	2,274*10 ⁻³
Infecções Sexualmente Transmissíveis (n=9)	6,9	8,7	3,945*10 ⁻⁷
Violência, drogas e Direitos dos adolescentes (n=4)	2,5	3,9	1,949*10 ⁻⁸

Fonte: Próprio autor (2023). *teste *t* *student*

A figura 2, apresenta a comparação da proporção média de acertos entre as quatro áreas de atuação docente no pré e no pós-teste. Foi possível observar por meio dessa comparação que embora há diferença na proporção média de acerto entre as áreas, ela não apresenta significância estatística, pois o valor-*p* no pré-teste foi 0,1361 e no pós-teste de 0,6482, ambos maiores que 0,05, portanto considera-se que o conhecimento dos professores não diferiu, entre as áreas de atuação, antes e após a participação deles na oficina.

Por meio da representação gráfica (*boxplot*) da figura 2 também é possível perceber graficamente o aumento na proporção de acertos do pós-teste se comparado ao pré-teste, reforçando o efeito do treinamento para construção do conhecimento. Foi possível identificar que o pós-teste apresentou um ponto de *outlier*, o que indica uma pontuação extremamente abaixo da média na área de ciências humanas e aplicada, ou seja, um dos respondentes dessa área apresentou baixa pontuação de acertos.

Figura 2 - Comparação da proporção média de acertos entre as quatro áreas de atuação docente no pré e no pós-teste, norte do Paraná, 2023.



Fonte: Próprio autor (2023).

4.1.6 DISCUSSÃO

Professores atuantes no ensino fundamental e médio vivenciam sua atuação prática em proximidade diária com adolescentes, esse público experiencia uma fase de descobertas afloradas no âmbito da sexualidade e muitas vezes as dúvidas que surgem nesse processo serão direcionadas a esse profissional com o qual o adolescente se relaciona rotineiramente. Os dados desse estudo mostraram que havia lacunas de conhecimento anterior a oficina por parte dos professores com relação a essa temática tornando fundamental que haja espaços que possibilitem ações de formação para professores nessa temática.

Estudo semelhante aplicou oficinas de sexualidade para adolescentes de uma escola em São Paulo e ressaltou que metodologias ativas de ensino, como a oficina, instigam o interesse do adolescente, possibilitam espaços de abertura para reflexões, e torna a construção de conhecimento palpável a vida diária. Além disso, destaca que o ambiente escolar é seguro e fonte de informações confiáveis para sanar dúvidas que emergem nessa fase sobre essa temática (Barbosa *et al*, 2022).

Seiler-Ramadas *et al.* (2020) destaca que a metodologia utilizada para realizar a educação sexual influencia diretamente na qualidade do aprendizado, enfatiza ainda que 89,7% da população do seu estudo sinaliza ter preferência por aulas em modelos dinâmicos, como trabalhos em grupos, aulas auto-organizadas,

experiências com profissionais especializados e filmes, portanto, faz-se necessário que professores estejam aptos a desenvolver essa temática utilizando de ferramentas educacionais pautadas em dinâmica, como por exemplo, as oficinas.

Na contramão desse cenário, Silva e Souza (2022) trazem relatos de adolescentes que declaram ser insuficientes as abordagens realizadas na escola com relação a sexualidade. O estudo ainda cita que barreiras como tabu, vergonha, medo e timidez por parte dos alunos, os impedem de buscar o professor como fonte de informações.

No entanto, o adolescente tem como característica ser aquele que explora, portanto, com o advento da tecnologia e a ascendência das redes sociais, essa se torna-se a principal via de informação para essa população, porém não se caracteriza como uma fonte confiável para construção de saberes e por muitas vezes, essa faixa etária fica mal-informada e multiplica informações sem base científica, em muitos casos banhadas por tabus e versões distorcidas da realidade, reforçando comportamentos de risco expondo-os a vulnerabilidades (Munyai *et al.*, 2023).

Estudo realizado na Espanha, elenca dois grandes colaboradores para esse drástico aumento de gravidez e IST na adolescência, sendo o uso excessivo da internet, pela facilidade em encontrar múltiplos parceiros sexuais de maneira casual e pela distorção do significado do sexo advindo principalmente da pornografia. Para além, afirma que o uso abusivo de substâncias químicas expõe o adolescente a comportamentos de risco e corrobora com o aumento das IST e gravidez não planejada (Soriano *et al.*, 2023).

Em um estudo qualitativo realizado com professores escolares reúne-se discursos sobre a responsabilidade da escola em fornecer educação sexual na busca de minimizar os adolescentes as vulnerabilidades que os assombram, entretanto dá-se ênfase nos relatos que revelam o fato de muitos professores que se esforçam em realizar pesquisas por conta para se atualizarem com relação ao tema, pois não encontram formação na temática de sexualidade voltada para professores e gera-se ansiedade dos próprios professores, por sentirem medo de não estar preparado para abordar o tema e o receio de discussões que podem levar a desordem da aula (Morais; Guimarães; Menezes, 2021).

Achados importantes no estudo de Barbosa e Folmer (2019) corroboram com resultados do presente estudo e sinalizam a necessidade que a discussão sobre sexualidade inicie na vida do professor desde os cursos de formação inicial. Além

disso, enfatizam o estabelecimento de programas que se destinem a formação continuada dos professores, com a criação de espaços para reflexão e a discussão sobre os múltiplos aspectos que tangem a sexualidade como as questões relacionadas a gênero, prevenção de IST, gravidez na adolescência e violência, bem como métodos contraceptivos podendo-se utilizar de oficinas como ferramenta para possibilitar a construção de novos saberes e atualizações.

Em países como a França, Portugal e Alemanha a educação sexual é exigida por lei que as escolas sejam locais fundamentais para a realização de ações de educação que envolvam a saúde sexual do adolescente (Maia; Carvalho; Vilaça, 2020). Ao contrário, no Brasil, mesmo com o Plano Nacional de Educação, instituído desde 2015, ao longo dos anos as discussões sobre essa temática foram minimizadas no ambiente escolar passando a ser prevista somente no 8º ano do ensino fundamental, na disciplina de ciências, retirou-se o caráter transversal que a educação sexual possui (Miura *et al.*, 2023).

4.1.6.1 Limitações do estudo

Mesmo que este estudo tenha sido realizado adotando um rigor metodológico, ele apresenta limitações, pois esta pesquisa demonstra apenas a realidade de uma escola, evidenciando que novas pesquisas sejam realizadas para que amplie a população-alvo.

4.1.6.2 Contribuições do estudo

O estudo propõe a oficina como uma metodologia ativa não apenas para realizar educação sexual com adolescentes, mas também como momento de atualização da prática docente, tendo em vista que poucos estudos são realizados envolvendo a temática de sexualidade com professores escolares.

4.1.7 CONCLUSÃO

As oficinas de educação sexual para professores apresentaram efeito positivo no conhecimento acerca da temática, demonstrado nos resultados positivos das análises pré e pós-teste. Além de destacar que não houve distinção

significativamente estatística no conhecimento sobre sexualidade entre as áreas de atuação dos professores, demonstrando que a sexualidade é um assunto intrínseco ao ser humano e pode ser trabalhado nas diferentes áreas do saber.

4.1.8 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids**. Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf/view>. Acesso em: 12 jul 2023.

BARBOSA, F.K.M *et al.* Letramento em saúde de adolescentes sobre métodos contraceptivos. **Cogitare Enfermagem**, [S.L.], v. 25, p. 1-13, 25 nov. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72416>.

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 221–243, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BARBOSA, N. G. *et al.* Oficinas de educação sexual e reprodutiva para adolescentes. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 187-199, 5 ago. 2022. Even3. <http://dx.doi.org/10.36661/2358-0399.2022v13n2.12241>.

DANZMANN, P. S *et al* (2022). Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 11, e3981. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2022. e3981>>. Acesso em: 08 out 2023.

MOREIRA, G. B. C. *et al.* Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 59-66, jan. 2021.

FERREIRA, A. G. N. *et al.* Website sobre sexualidade e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis para adolescentes católicos. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 1-10, fev. 2020. Acta Paulista de Enfermagem. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020ao02605>.

MAIA, A.C. B.; CARVALHO, L. R. S.; VILAÇA, T. Educação sexual para alunos/as com deficiência em Portugal: Índícios de uma formação docente precária. **Reves - Revista de Relações Sociais**, Portugal, v. 3, n. 1, p. 1-11, jan. 2020.

MIURA, P. O. *et al.* Gravidez na adolescência e as experiências da vida escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 27, p. 1-9, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392023-238700>.

MORAIS, N. A. A.; GUIMARÃES, Z. F. S.; MENEZES, J. P. C.. Educação sexual. **Revista de Ensino de Biologia da Sbenbio**, [S.L.], v. 141, p. 135-156, 28 jun. 2021. *Revista de Ensino de Biologia*. <http://dx.doi.org/10.46667/renbio.v14i1.395>.

Munyai, H.S. *et al.* 'Challenges on sexual health communication with secondary school learners, Limpopo province', **Curationis** 46(1), a2321. 2023. <https://doi.org/10.4102/curationis.v46i1.2321>

NASCIMENTO, R. B.; AMORIM, M. M.T.; SILVA, E. C. R. O uso de oficina pedagógica na mediação de conflitos causados por estereótipos de gênero e sexualidade na escola: reflexões a partir de um relato de experiência. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 1-19, abr. 2020.

R Core Team (2020). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.

ROSSI, L. F. *et al.* Educação em saúde relacionada a sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis: uma revisão integrativa. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais: Avanços e Desafios // Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales**, [S.L.], p. 9-17, 10 jul. 2021. Ludomedia. <http://dx.doi.org/10.36367/ntqr.8.2021.9-17>.

SAÚDE. Organização Mundial da. **Gravidez na adolescência**. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-pregnancy>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SEILER-RAMADAS, I. GRABOVAC, T. N.; DORNER T. E.. Adolescents' Perspective on Their Sexual Knowledge and the Role of School in Addressing Emotions in Sex Education: An Exploratory Analysis of Two School Types in Austria. **The Journal of Sex Research**. Disponível em:<DOI: 10.1080/00224499.2020.180264404/10>. Acesso em: 04 out 2023.

SILVA, M. S. L.; SOUSA, F. W. S. Saúde sexual e reprodutiva: Desconstruindo tabus e potencializando diálogos na escola. **Revista do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica Universidade Federal do Piauí**, v.10, n. 2, p. 95-107, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/13639/8344>>. Acesso em 10 out 2023.

SORIANO, V. *et al.* Rebound in sexually transmitted infections after the COVID-19 pandemic. **Aids Reviews**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 127-135, 20 out. 2023. Publicidad Permanyer, SLU. <http://dx.doi.org/10.24875/aidsrev.23000015>.

SOUSA A. L.; SARAIVA, A. R. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: Uma revisão integrativa. **Nursing (São Paulo)**, [S. l.], v. 23, n. 263,

p. 3683–3687, 2020. DOI: 10.36489/nursing.2020v23i263p3683-3687. Disponível em: <http://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/660>. Acesso em: 13 out. 2023.

TODESCO, M. et al. Effect evaluation of a comprehensive sexuality education intervention based on socio-emotional learning among adolescents in Jakarta, Indonesia. **Frontiers In Public Health**, [S.L.], v. 11, p. 1-11, 2 out. 2023. Frontiers Media SA. <http://dx.doi.org/10.3389/fpubh.2023.1254717>.

4.2 ESTUDO 2

4.2.1 PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA À LUZ DA COMPLEXIDADE DE MORIN

4.2.2 RESUMO

Objetivo: Compreender a percepção de professores quanto a abordagem de educação sexual no ambiente escolar. **Método:** Estudo de abordagem qualitativa, teorizado sob o olhar da complexidade de Edgar Morin. Participaram do estudo 20 professores de uma escola estadual pública ao norte do Paraná. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e submetidos a análise temática reflexiva de Braun e Clarke. **Resultados:** A partir dos relatos emergiram quatro temas: 1. Corresponsabilidade escola-família na educação sexual do adolescente; 2. Desafios para abordar a sexualidade no ambiente escolar; 3. Estratégias para abordar a sexualidade no ambiente escolar; 4. Aplicabilidade da oficina em sala de aula. **Conclusão:** Ao buscar abordar essa temática no ambiente escolar, professor encontra um compilado de dificuldades, como lacunas no conhecimento e insegurança para abordar a temática, demonstrando a importância de estratégias como a oficina para atualização e motivação docente que busca estratégias para oportunizar conhecimento seguro e eficaz por entender a importância de educar sexualmente a população adolescente, e identifica a corresponsabilidade fundamental entre ambiente escolar e familiar que por vezes se encontra enfraquecida.

Descritores: Professores Escolares; Educação Sexual; Ensino Fundamental e médio; Adolescência; Enfermagem pediátrica.

4.2 STUDY II

4.2.1 Teachers' perceptions of sex education at school in the light of Morin's complexity.

4.2.2 Abstract

Objective: To understand the perception of teachers regarding the approach to sexual education in the school environment. **Method:** Study with a qualitative approach, theorized from the perspective of Edgar Morin's complexity. 20 teachers from a public state school in the north of Paraná participated in the study. Data were obtained through interviews and subjected to reflective thematic analysis by Braun and Clarke. **Results:** Four themes emerged from the reports: 1. School-family co-responsibility in adolescent sexual education; 2. Challenges in addressing sexuality in the school environment; 3. Strategies to address sexuality in the school environment; 4. Applicability of the workshop in the classroom. **Conclusion:** When seeking to address this issue in the school environment, teachers encounter a collection of difficulties, such as gaps in knowledge and insecurity in approaching the topic, demonstrating the importance of strategies such as the workshop for updating and motivating teachers who seek strategies to provide safe and secure knowledge. effective because it understands the importance of sexually educating the adolescent population, and identifies the fundamental co-responsibility between the school and family environment, which is sometimes weakened.

Keywords: School Teachers; Sex Education; Elementary and high school; Adolescence; Pediatric nursing.

4.2.3 INTRODUÇÃO

A sexualidade em sua pluralidade de sentidos, é considerada um processo que engloba esferas sociais, espirituais, culturais, econômicas, políticas e históricas. Além dessa densidade de sentidos, revela-se em um processo intrínseco ao ser humano em todo seu processo de desenvolvimento fisiológico, anatômico, reprodutivo e psicológico. Sob as entrelinhas das relações humanas, o âmbito sexual emerge na busca do prazer corporal, sendo, por tal razão repetidamente apontado como perversão, assunto velado e pecaminoso e construído moralmente como tabu (Alencar *et al.*, 2023).

Em meio a soma da complexidade inclusa nas múltiplas faces da sexualidade, encontra-se o adolescente, considerado pela Organização Mundial da Saúde como aqueles com idade entre 10 à 19 anos (Brasil, 2007). É principalmente nesse período que as mais intensas mudanças de ordem biopsicossocial acontecem, devido a essas transformações, a adolescência é marcada como um momento de descobertas, amadurecimento sexual, incertezas e abre espaço para o estabelecimento das vulnerabilidades (Tibiriça *et al.*, 2023).

Desse modo, os adolescentes necessitam de informação e abertura para fala sobre a temática de sexualidade, pois a desinformação relacionada a essa temática caracteriza exposição a riscos e pode trazer consequências que carregarão por toda a vida, como por exemplo gravidez não planejada ou Infecção Sexualmente Transmissível (Silva *et al.*, 2022).

Ao levar em consideração que a grande parcela da população adolescente frequenta o ambiente escolar, este passa a ter importante papel em ser fomentador do conhecimento também no âmbito da sexualidade, pois ainda que os jovens tenham acesso a uma gama de informações pela internet, não garante que estas sejam corretas ou adequadas. Há também o pilar da família como fonte informação, porém muitos adolescentes referem o receio em falar abertamente sobre esse tema no ambiente familiar (Alves, 2020).

Portanto, torna-se ainda mais significativo a necessidade de que esta abordagem seja realizada em ambiente adequado e seguro, e a escola se configura como este ambiente. Com o pensamento voltado para esse contexto, em 2007 foi criado o Programa Saúde nas Escolas pelo decreto nº 6.286, na busca de integrar os

serviços e educação e saúde com ações de prevenção e promoção da saúde, incluindo a saúde sexual e reprodutiva (Brasil, 2007).

A saúde no ambiente escolar é transdisciplinar, pois se difunde pelos diversos saberes e intersetorial ao perpassar pelos conhecimentos da saúde e educação.

Contudo há estudos que discorrem sobre a falta dessa abordagem de modo transversal no ambiente escolar e aponta como barreiras a escassa interligação entre os serviços de saúde e de educação somado a um histórico de práticas educacionais tradicionais e verticalizadas alinhadas a desvalorização, sobrecarga e desarticulação do professor com o corpo gestor, demonstrando fragilidades no sistema educacional e concentrando a essa temática, de forma pontual em disciplinas da área biológica (Pereira *et al.*, 2021).

Mediante ao contexto amplo e complexo que tange sexualidade unido as dificuldades de abordar a educação sexual nas escolas e a necessidade de conhecer as motivações e dificuldades, nessa abordagem, o presente estudo tem por objetivo compreender as percepções de professores quanto a educação sexual no ambiente escolar.

4.2.4 MATERIAL E MÉTODO

4.2.4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa pautado na teoria da complexidade de Edgar Morin. O estudo foi um recorte de um projeto multicêntrico de pesquisa intitulado “Adolescência e juventude & exposição ao HIV em estados brasileiros: análise epidemiológica, geoespacial e desenvolvimento de ações preventivas multiplicadoras”, que acontece em cinco estados brasileiros.

4.2.4.2 Referencial Teórico

Utilizou-se como referencial teórico o pensamento complexo de Edgar Morin, para compreender e interpretar a profundidade das percepções dos professores referente à sexualidade.

De modo a fundamentar a complexidade, Morin elenca três princípios: o dialógico; a recursão organizacional e o hologramático. O primeiro deles associa a

dualidade e percebe que, em momentos distintos, dois termos podem se contrapor ou se complementar. O princípio recursivo se encontra em um “ciclo autoconstitutivo”, caracterizado por Morin como uma ideia em que ao mesmo tempo um indivíduo pode ser produto e produtor. E o terceiro, hologramático sobrepõe-se ao reducionismo, que se atenta apenas as partes e ao holismo, em que só se enxerga o todo (Fortunato; Porto, 2020).

Ao considerar os três princípios, o pensamento complexo se integra e mostra uma perspectiva do mundo observado em sua totalidade, inter cruzado e não somente um compilado de partes separadas, pois admite que “[...] a parte está no todo e o todo está na parte” (Morin, 2005, p. 88). Desse modo, a complexidade ecoa sobre um modo de pensar que associa sem que seja retirada a identidade das partes.

Morin compara a complexidade a um tecido, em que as múltiplas fibras se encontram inseparáveis formando uma única peça e assim se estabelece um paradoxo entre o diverso e o único. Em paralelo, o pensamento complexo se torna um tecido de diversas ações, momentos, interações, histórias, certezas, incertezas, ordem e desordem, o todo em um emaranhado (Almeida; Oliveira, 2020).

Portanto, a teoria do pensamento complexo retoma o conceito da multiplicidade, amplia o olhar, sobretudo na educação no sentido a torná-la apta para refletir de modo multidimensional ao envolver elementos culturais, afetivos, econômicos, políticos, sociais, psicológicos (Morin, 2014).

No entanto, Morin ressalta a consciência das “patologias” da ideia, teoria e razão, que permeiam os pensamentos e se dão como algo que encobre a realidade, são pautadas no doutrinário que se fecham sobre si e engessam a maneira de pensar se resumindo no unilateral. Portanto, tais ideias indicam que pensar de modo complexo considera as múltiplas dimensões do ser humano e implica que há uma dinâmica entre conhecimentos pré-estabelecidos, as incertezas do desconhecido e a aleatoriedade da realidade, todavia faz-se entender que barreiras impostas de uma ciência podem ser transpostas sem que a diminua (Martineli; Behrens; Prigol, 2020).

4.2.4.3 Cenário do estudo

O estudo ocorreu em uma escola pública situada ao leste de um município de médio porte ao norte do Paraná. A escola deu início as suas atividades no ano de 1977 e atualmente conta com ensino Fundamental, ensino médio e profissional.

Cabe salientar que nesta escola, assim como as demais escolas estaduais, realizam a abordagem da temática voltada para o corpo humano, adolescência, gravidez, IST, métodos contraceptivos, ciclo menstrual e dimensões da sexualidade humana, de forma breve nos planos de aulas voltados para 8º ano do ensino fundamental II, nas disciplinas de ciências e educação física no formato de aulas expositivas (Paraná, 2023).

Somado a abertura do colégio para acolher projetos advindos da Universidade, no ano de 2023, cerca de mil alunos entre 10 e 19 anos estavam matriculados, sendo uma parcela importante de adolescentes reunidos em um mesmo ambiente, favorecendo que a propagação da educação sexual pelos professores possa acontecer em maior densidade.

4.2.4.4 Participantes do estudo

Foi adotado como critério de inclusão para participação neste estudo, aqueles professores, do ensino fundamental e médio, que haviam participado das oficinas de educação sexual que ocorreram no local do presente estudo. Não foram inclusos novos professores ou equipe pedagógica.

4.2.4.5 Coleta de dados

A coleta dos dados foi realizada nos meses de fevereiro, março e junho de 2023 por meio de entrevistas individuais gravadas. Previamente as entrevistas, durante a semana pedagógica, ocasião em que todos os professores do ensino fundamental e médio estavam presentes no colégio para planejamento das atividades do ano, foi realizado um convite a participarem de uma oficina de educação sexual com posterior participação no presente estudo.

os integrantes desse estudo participaram de oficinas com dinâmicas sobre educação sexual promovida pela pesquisadora que ocorreram nos meses de fevereiro a março com grupos de até 10 participantes.

Os temas abordados nas oficinas foram: construção do corpo humano feminino e masculino e mudanças fisiológicas do corpo na adolescência; gênero; IST; métodos contraceptivos e violência e uso de drogas. O quadro 1 apresenta mais detalhes sobre as oficinas.

Quadro 1 – Detalhamento das dinâmicas contidas na oficina de educação sexual, norte do Paraná, 2023.

Dinâmicas	Descrição
Apresentação	O participante fala seu nome e a parte do corpo que gosta.
Construção do corpo masculino/feminino	O grupo é dividido em dois e desenham corpos desnudos, um grupo o masculino e outro um corpo feminino, e posteriormente discutido as mudanças biopsicossociais da adolescência.
Questão de gênero	Discussão sobre vantagens e desvantagens de ser homem e mulher e reflexão sobre seus papéis na sociedade.
IST	É realizado abordagem sobre sinais e sintomas, formas de transmissão, tratamentos e prevenção das IST.
“Semáforo”	Os participantes recebem cartões com afirmativas que descrevem ações relacionadas as formas de transmissão das IST, cada participante a caracteriza como uma situação de risco alto (vermelho), médio (amarelo) ou baixo (verde), de contrair uma IST.
Métodos contraceptivos	É realizado abordagem sobre utilização, indicação e contra-indicação dos métodos contraceptivos.
Gincana do preservativo	Acontece um convite aos participantes a simular em uma prótese peniana a maneira correta de colocar o preservativo masculino.
Mitos e verdades	Cartões são entregues contendo frases que sinalizam um mito ou uma verdade relacionada à métodos contraceptivos e meios de contágio da IST, cada participante julga a sua frase como mito ou verdade.
“Baladinha”	São distribuídos papéis em branco, desses, um contendo um círculo pequeno, outro com “x” pequeno e um com um quadrado. Enquanto toca uma música os participantes andam e coletam assinatura dos amigos no papel entregue. Em seguida é esclarecido ao grupo que o “x” no papel indicava que tinha IST e todos que assinaram o papel dessa pessoa

também se infectou, pois a assinatura no papel simbolizava uma relação sexual. A pessoa com um círculo no papel estava protegida, pois usou preservativo. O quadrado sempre é entregue a uma mulher e representava uma gravidez indesejada após uma relação desprotegida. Ao longo da dinâmica são ofertadas balas (doces) aos participantes e depois discute-se sobre o uso de drogas, comportamentos de risco e violência.

Urna secreta	Os participantes podem escrever dúvidas que não se sintam à vontade em falar ao longo da oficina e podem depositar na urna secreta, ao final as dúvidas são sanadas com o grupo.
--------------	--

Fonte: Próprio autor (2023).

Foi realizado um teste piloto com o objetivo de validar o instrumento de coleta e a técnica de coleta.

Em um primeiro momento foi optado por realizar a coleta de dados utilizando-se a técnica de grupo focal o qual participaram oito professores imediatamente após terem participado da oficina, porém percebeu-se que não foi adequado para obter dados com densidade, e, portanto optou-se pela técnica de entrevistas semiestruturadas individualizada, em local de escolha do participante e o instrumento foi reestruturado, o que possibilitou segurança e abertura para a fala do participante. Os professores que participaram do grupo focal foram novamente abordados e então entrevistados.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora principal desse estudo em local acolhedor e isolado de ruídos disponibilizado pelo colégio e guiadas por um roteiro pautado em três perguntas norteadoras seguido de perguntas auxiliares.

Inicialmente buscou-se compreender a percepção do professor sobre abordar a temática de sexualidade no ambiente escolar: 1. Qual a sua percepção sobre trabalhar a temática de sexualidade dentro do ambiente escolar? 1.1. Você trabalha essa temática em sala de aula? 1.2 Como se sente ao trabalhar esse tema? 1.3 Houve dificuldades ou facilidades ao abordar a temática? 1.4 Conte-me uma experiência vivida durante essa abordagem. 1.5 Você, enquanto professor(a) já participou de momentos de formação sobre esse tema?

Em um segundo momento da entrevista os participantes foram conduzidos a expor sobre a experiência de ter participado de uma oficina de educação sexual com proposta dinâmica e interativa: 2. Conte-me como foi para você ter participado da oficina. 2.1 Como é para você a abordagem dessa temática no formato de dinâmicas? 2.2 Foram adquiridos novos conhecimentos com a oficina? Se sim, consegue citar quais. 2.3 Você concorda ou discorda de alguma das dinâmicas aplicadas? Por quê?

Em seguida o professor pôde relatar suas perspectivas frente a formação fornecida pela pesquisadora por meio da oficina: 3. Qual sua perspectiva pós-oficina em abordar essa temática em sala de aula? 3.1 Alguma dinâmica é aplicável em sua disciplina? Qual? Para qual série? Por quê? 3.2 Para a aplicabilidade futura desse modelo dinâmico em sala de aula há alguma dificuldade ou facilidade? Quais? 3.3 Para as dificuldades, você consegue pensar em soluções estratégicas ou outras formas de abordagem?

As entrevistas foram interrompidas após saturação de códigos (Hennink; Kaiser; Marconi, 2017). Os depoimentos foram gravados com aparelho de áudio e transcritos pela pesquisadora em um documento no *Microsoft Word 365*[®].

4.2.4.6 Análise dos dados

Foi realizada análise temática reflexiva das transcrições literais seguindo as seis fases de Braun e Clarke (2006, 2019): 1. Familiarização com o conjunto de dados que se iniciou com o processo de transcrição dos relatos e em sucessivas leituras dos relatos. 2. Codificação dos dados em “rótulos” sucintos que exprimem significados e características importantes para a pergunta de pesquisa. 3. Geração de temas iniciais realizada por meio de uma abordagem indutiva e de organização dos códigos em padrões de sentidos. 4. Desenvolvimento e revisão dos temas, por meio da revisão dos temas anteriormente elencados para desenvolvê-los de forma mais apurada para que pudessem sustentar uma ideia central. 5. Definição e nomeação dos temas que envolveu uma análise detalhada de cada tema e subtema elencados, além de refinar e estruturar o nome informativo de cada um. 6. Produção do relatório, nessa fase final o extrato dos dados foi entrelaçado com a contextualização embasada no referencial teórico e na literatura existente.

A análise de todas as fases contou com dois pesquisadores especialistas em pesquisa qualitativa, utilizando os critérios exigidos pelo *Consolidated Criteria For*

Reporting Qualitative Research (COREQ) para redação do manuscrito a fim de assegurar transparência e rigor metodológico (Souza *et al.*, 2021).

4.2.4.7 Aspectos éticos

O presente estudo foi contemplado com parecer favorável pela Secretaria Estadual de Educação para o desenvolvimento da pesquisa na escola selecionada (ANEXO A) aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa mediante CAAE nº 61140022.5.0000.5231 conforme parecer nº 5.681.581 (ANEXO B).

Em concordância com os preceitos éticos em pesquisa, os participantes foram orientados sobre o estudo e salientado que a participação seria de forma voluntária mediante a assinatura do TCLE após o aceite. Os riscos e benefícios da participação no estudo foram esclarecidos de forma verbal e descrita no TCLE. Foi garantido o anonimato dos participantes, portanto, foram identificados com a letra inicial P, de professor, seguido do número que indica a ordem da realização das entrevistas (P1, P2...). Foi garantido que os dados seriam usados apenas para fins de pesquisa.

4.2.5 RESULTADOS

Aceitaram participar do estudo 25 professores do ensino fundamental e médio, mas por saturação de códigos interrompeu-se a coleta com 20 participantes. Dentre os participantes desse estudo houve predominância do sexo feminino n=20 (80%), com idade média de 50 anos com variação mínima e máxima de idade entre 31 e 66 anos. A religião prevalente foi a católica n=23 (92%). A experiência profissional na categoria professor em tempo de atuação se concentrou em até 24 anos n=13 (52%), porém uma parcela significativa dos professores possuía mais de 24 anos de atuação profissional n=12 (48%).

Ao realizar a análise temática reflexiva os dados foram organizados em quatro grandes temas, sendo: 1. Corresponsabilidade escola-família na educação sexual do adolescente; 2. Desafios para abordar a sexualidade no ambiente escolar; 3. Estratégias para abordar a sexualidade no ambiente escolar; 4. Oficinas sobre sexualidade como metodologia para abordar a temática em ambiente escolar. Pela amplitude de cada tema, os dados foram organizados em subtemas.

Tema 1: Corresponsabilidade escola-família na educação sexual do adolescente

Neste seguimento, quando questionado os professores a respeito de suas percepções sobre a abordagem do tema sexualidade dentro da sala de aula, os relatos se dividiram em três esferas elencadas nos seguintes subtemas: Dimensão escolar; Dimensão familiar; Importância de trabalhar a temática em sala de aula.

1.1 Dimensão escolar

Nessa dimensão, enfatizaram a escola como local que abrange em massa a população adolescente, sendo este um local oportuno para abordar a temática, além de elencar a escola como espaço de segurança e abertura para fala para esse público.

[...] eu acho que é o único ambiente onde você vai conseguir concentrar esse público-alvo. (P1)

[...] a gente consegue criar uma proximidade com aluno e o aluno se sente tão acolhido, que ele consegue, por exemplo, pedir ajuda. (P5)

Alguns professores indicaram suas profissões como fonte de conhecimento confiável, sendo a escola o local que podem exercer esse papel, porém também foi citada inquietações com relação a definir até que ponto é papel do professor na vasta abordagem dessa temática.

[...] Acreditamos que somos um instrumento de transmissão do conhecimento sobre o tema e que conseguimos atingir os alunos. Conforme o canal que você constrói, a relação que você constrói com aluno, você cria um ambiente onde se consegue mostrar a importância de se proteger, não só das doenças, da gravidez e assim por diante. [...] nós lidamos com adolescente e às vezes somos a única fonte, um canal de informação correta que eles têm, somos nós. (P6)

Eu tenho dificuldade de delimitar ou determinar qual o meu papel. Eu devo fazer mais perguntas? Eu devo buscar mais informações, nesse momento? [...] Vou mais a fundo? É meu papel? Você entendeu? Eu vou dar conta disso? (P3)

1.2 Dimensão familiar

Foi citada a falta de abertura familiar para abordar a sexualidade com o adolescente unido a questionamentos da família sobre a prática do professor que aborda essa temática em sala de aula. Ainda foi pontuado a importância de haver

equilíbrio de responsabilidades entre escola e família na educação sexual do adolescente, pois sem o equilíbrio há um peso sobre a escola.

As famílias estão muito afastadas da educação dos filhos. Hoje eu acho que até a própria dinâmica social, ela não está permitindo aos pais acompanharem a maior parte do tempo, os filhos. Então eles ficam assim, à mercê do que chega. (P5)

[...] a casa vira um uma fonte de preconceitos e alguns deles já vem às vezes de casa, com uma série de preconceitos. [...] Só que aí o desafio é quando a família vai na escola reclamar que você trabalhou o tema. Aí você tem que às vezes sentar e conversar com mãe e com pai. Aí às vezes é um trabalho que a direção faz. Às vezes não chega no professor e às vezes tem denúncia na ouvidoria e a gente tem que responder. Denúncia na ouvidoria por trabalhar esses temas e tem que explicar o porquê que foi trabalhado, onde que se encaixa no conteúdo (P5)

1.3 Importância de trabalhar sexualidade em sala de aula

A maioria considera importante que essa temática seja abordada em sala de aula, pois há muitos casos de gravidez na adolescência, violência, IST que são relatados pelos adolescentes para os professores, sendo necessário abordar essas temáticas de modo a prevenir casos como estes.

[...] porque a gente já tem turmas, inclusive, que tem alunas que estão grávidas, então daí uma aluna grávida veio falar o quanto mudou a vida dela nesse momento. [...] os outros alunos nunca pararam para pensar, principalmente nessa questão do quanto pesa muito mais para a menina do que para o menino. [...] eles não têm consciência de que é alarmante essa IST. Por exemplo, ano passado eu tive um aluno que veio a noite com um monte de erupções na pele e eu já pensei em Sífilis, perguntei “você já fez exame, foi ao posto?” E ele: “imagina, não sei o quê...” E ele estava com uma IST. (P1)

[...] mas tem vários casos que me marcaram bastante de abuso dentro de casa. Que o aluno ficava na escola porque ele não queria ir para casa. Ele pedia para ficar aqui no final de semana. Ele não queria ir embora. (P12)

Ainda pontuaram a falta de informação desse público com relação a esses temas ou em muitas situações há informação, porém advindas de fontes não confiáveis e o quanto é urgente a retomada de situações que fortaleçam essa abordagem que há tempos era presente no currículo escolar, mas que atualmente foi reduzida.

[...] eles imaginavam ser aquela coisa, “nunca vai acontecer comigo”, “professora, eu nunca parei para pensar, -[..] não vê perigo de gravidez”. Então eles nunca pararam para pensar nisso. [...] Então é interessante,

importante conscientizar, porque eles acham que não vai acontecer com eles. (P1)

Por mais que eles tenham uma série de informações, mas às vezes são informações erradas. Ela é a conversa entre as amigas. Agora, de repente, é a mensagem lá no celular, é o site que ele consegue ver. [...] tem a internet que está aí. Só que a informação, às vezes eles não conseguem. É muita informação e pouca formação. A escola precisa de mais tempo para isso. (P2)

[...] antes da reforma do ensino médio e da base nacional comum existiam alguns cadernos de conteúdos curriculares. Havia um caderno de temas transversais e um deles trabalhava a sexualidade, diversidade sexual e as relações de gênero. Tinha muita informação interessante. E era um caderno de temas transversais que eram para ser trabalhado em todas as disciplinas. Então você tinha essa liberdade porque tinha um material próprio para isso. (P4)

Tema 2: Desafios para abordar a sexualidade no ambiente escolar

Os participantes pontuaram múltiplos motivos que se estabelecem como desafios a ser enfrentado ao buscar desenvolver e abordar a sexualidade na escola. Esse conglomerado foi organizado nos subtemas a seguir: Necessidade de formação sobre a temática destinada a professores; Sistema educacional; Aspectos pessoais do professor; Aspectos da adolescência e aspectos culturais.

2.1 Necessidade de formação sobre a temática destinada a professores

Muitos professores relataram sobre a baixa oferta de oportunidades para discutir a temática e associaram esse fato a sensação de despreparo para abordar a sexualidade com os alunos e a necessidade de constante atualização.

Eu acho que também o que me bloqueia é falta de conhecimento mesmo, que eu não tenho. Confesso que não tenho conhecimento nessa área. [...] acho que tem que ter mais estudo porque é difícil, porque os alunos perguntam mesmo, não é? Eles vão questionar, não é? E é muito chato a gente falar que: “eu não posso te responder, porque eu não tenho conhecimento”. (P14)

E é importante a gente estar de vez em quando se atualizando e buscando. Saber mais, entender mais, porque é uma demanda infinita, não é? [...] E as coisas, as terminologias vão modificando. A gente está num momento histórico de muita mudança e de muita abertura mesmo para as pessoas falarem sobre temas, para que as pessoas se explorem. Então é necessário. (P3)

2.2 Sistema educacional

Foi pontuado pela maioria dos participantes barreiras enfrentadas pelo engessamento da estrutura curricular ao minimizar o aspecto transversal da temática e a concentrando nas disciplinas da área biológica e destacaram a sobrecarga docente como fator que implica diretamente na falta de tempo para o preparo de ações para desenvolver o tema em sala.

O currículo parou de abordar esse tipo de coisa, não mais privilegiava. Não tinha mais esse tipo de inserção desse tipo de conteúdo, que ficava só lá no oitavo ano para ciências mesmo. [...]. (P3)

[...] a gente está com a grade curricular meio amarrada [...] Porque vem hoje, o RCO [Registro de Classe Online], com as aulas prontas. Então, dependendo da disciplina, o professor vai ter que ir lá e fazer toda uma edição desse RCO. (P1)

Você até consegue [editar a aula], a diferença mesmo que a gente não está tendo tempo para fazer uma aula diferenciada com eles, a gente não está tendo tempo. [...] É uma questão de horas atividades que não são proporcionadas de acordo com a quantidade de aula que a gente tem para ser dado. E os conteúdos são bastante, a cobrança está sendo maior ainda. (P7)

2.3 Aspectos pessoais do professor

Por meio dos relatos foi possível identificar a dificuldade de alguns professores em encontrar oportunidade de entrelaçar a temática de sexualidade em meio aos conteúdos abordados em suas disciplinas de atuação como subterfúgio para não abordar o assunto.

De início a gente tem uma certa rejeição, porque a minha área é história. Então, essa área é mais da ciência, da biologia. A gente tenta fugir um pouquinho. (P3)

Olha, na minha disciplina não tem como trabalhar, porque minha disciplina como é a área de exatas, não tem como eu mexer nessas partes, mas se eu tiver uma oportunidade, trabalharia sim. (P13)

Um pouquinho difícil. Eu sempre tive dificuldade. Confesso que esse tema dentro da sala de aula é um pouquinho polêmico. (P14)

Dentro de alguns relatos emergiram sentimentos prevalecendo a tristeza, medo a desmotivação e em contraponto a satisfação em trabalhar a temática.

a gente sempre tem um, certo? Medo, né? Eu não diria preconceito, diria um receio de falar alguma coisa e não ser bem-visto e dar polêmica. [...] A gente tem medo, sim, de soar. Como está instigando alguma coisa (P19)

Às vezes tem que lidar também com a apatia dos alunos, a falta de interesse. Eu acho que é o ponto mais importante, porque às vezes a gente enfrenta tudo para trabalhar um conteúdo com os alunos, desde que você tenha um retorno. Quando você chega lá e não tem retorno, é o que acaba desmotivando. (P4)

Foi muito gratificante isso, eu vi repercutindo nos corredores. [...] aquilo que a gente passou, aquilo que a gente ensinou, já está multiplicando, sabe? Então deu frutos. Isso foi espetacular. Então, era uma informação que faltava. Era um alerta que faltava e só o trabalho que foi feito já serviu de base. (P5)

2.4 Aspectos da adolescência

Foi enfatizado a banalização da temática pelos adolescentes e a imaturidade dos mesmo quando o assunto é abordado em sala de aula.

Mas é assim, surgiu um comentário, já vem aquela situação das brincadeiras sem graça, eles acabam não levando as coisas muito a sério. (P7)

Eu cheguei para a direção e falei, ó, é ninguém pode falar nada que eles maliciam tudo, eles estão entendendo coisa errada [...] Havia uma menininha e uma outra que tinha menstruado, a outra que estava passando dor. Uma que menstruou na sala e deixou suja cadeira, daí aquele “furdunço”. Daí você tem que acolher a menina, apagar o fogo da molecada que está ali, então. (P8)

2.5 Aspectos culturais

O tabu justaposto na cultura da sociedade atual foi citado em diversos momentos como algo que minimiza a abertura para falar sobre sexualidade tanto sob o olhar do professor, quanto das famílias e até mesmo dos alunos.

Com um professor eu acho um pouco mais difícil até do que com os alunos. Porque é mais tempo com as ideias fixas, baseadas em preconceitos e padrões mais antigos do que os alunos. Então, professor tem mais dificuldade para lidar com essas questões. [...] São as barreiras, elas vão surgir do ponto de vista cultural, familiar, algumas famílias são contra. Do ponto de vista religiosos, que vão ser contra.. (P4)

Até quebrar tabu, não é? É tipo “o preservativo do posto de saúde não funciona”, então essas fake news que rola entre eles. Daí eu procuro mostrar para eles que funciona sim, que é melhor aquele do que nenhum. Então esse negócio que não funciona, é para não usar, que muitas vezes muitos falam isso para isentar do uso então. (P6)

Aspectos como a influência da mídia, padrões estéticos e os conflitos entre gerações foram também relatados como pontos que ecoam sobre a sexualidade.

E embora a mídia coloca, a gente usa a roupa que a gente quer, mas isso estimula um pouco a sexualidade precoce. Acho que a roupa influencia muito. (P3)

Para uma pessoa mais velha falar de relação sexual na sala de aula, é uma coisa difícil, porque a gente foi educado para não ouvir isso em casa. [...] Eu acho que a maior dificuldade foi exatamente ter sido educado para não falar isso antes dos quinze anos. [...] a gente não admite, mas a criação, acaba interferindo no seu comportamento, ou para o bem ou para o mal. E como a gente foi educado, não falando, então eu acho que isso perdura, quando você vai falar, parece que tem uma trava. (P11)

Tema 3: Estratégias para abordar a sexualidade no ambiente escolar

Alguns momentos oportunos dentro das disciplinas foram elencados pelos professores como oportunidades para abordar a temática em sala, descritos nos subtemas: Oportunidades para abordar a temática em sala de aula e Uso de metodologias ativas.

3.1 Oportunidades para abordar a temática em sala de aula

Conselhos aos finais das aulas e ajuste no conteúdo da disciplina para englobar pontos da sexualidade foram alguns exemplos de oportunidades que os professores adotaram para abordar o tema.

Então, por exemplo, esses dias atrás, apareceu uma temática, a questão da violência com relação à mulher na sala, no contexto. Aí eu falei sobre a lei Maria da Penha (P2)

[...] na língua portuguesa, eu já fiz muitas leituras de textos informativos, porque no ensino médio a gente trabalha muito a argumentação. Então, para eles defenderem a opinião sobre diversos temas sociais e a gente precisa trabalhar. A temática é ampla, desde que seja social, então surge textos de informação sobre gravidez na adolescência, preconceitos, discriminação, que envolve questões de gênero e muito a questão da mulher, querendo ou não à violência contra a mulher. (P20)

3.2 Uso de metodologias ativas

Ao serem questionados sobre como foi terem participado de uma oficina no formato de dinâmicas, muitos professores citaram a metodologia ativa como a melhor maneira de transmitir e fixar um conteúdo com os adolescentes e como ferramenta de treinamento para repensar a prática profissional.

Muitas vezes a gente está há muito tempo em sala de aula e repensar o nosso trabalho a partir de exemplos é a melhor forma. Então, às vezes a gente recebe uma orientação que precisa mudar a prática, trabalhar de maneira

mais dinâmica, trazendo atividade diferenciada [...] de certa forma, propõe para a gente trabalhar diferente também. (P4)

Mas eu percebo que quando o aluno faz, ele aprende muito mais, [...] você não passa conhecimento, você permite que o conhecimento aconteça, porque ocorre a construção do conhecimento. Como várias pessoas foram falando as experiências, a gente foi construindo um conhecimento ali e botamos a mão na massa. [...] Acaba virando uma diversão, mas uma diversão que permite aprender, então a gente se divertiu e aprendeu. Isso pode ser levado para a sala de aula, para o aluno de uma forma engraçada, eu diria, aprender. (P11)

Tema 4: Oficinas sobre sexualidade como metodologia para abordar a temática em ambiente escolar

Durante a entrevista os participantes puderam relatar aspectos relevantes sobre a oficina de educação sexual da qual participaram descritos nos subtemas a seguir: Novos conhecimentos adquiridos pelos professores ao participar das oficinas; Aplicabilidade da oficina em sala de aula e soluções para fortalecer a abordagem do tema na escola.

4.1 Novos conhecimentos adquiridos pelos professores ao participar das oficinas

Relataram que novos conhecimentos foram adquiridos com relação a atualização técnico-científica, desmistificando mitos, novas legislações, bem como apontaram a importância de momentos como esse para reflexão e quebra de tabu.

Por exemplo, eu achava que ir ao banheiro [público], não higienizar a gente pegava a doença [IST]. Então agora eu consigo ir a qualquer banheiro, antes não conseguia. (P15)

achei que a informação de que o adolescente pode ir sozinho no posto saúde e receber as informações e fazer a consulta, eu achei muito legal, porque na verdade eu não sabia e isso é muito importante, porque a gente pode passar para eles essa informação, porque eles não querem às vezes que os pais saibam que já estão iniciando na vida sexual, eles têm vergonha ou os pais também são negligentes. Muitos são negligentes. (P5)

Vocês nos ajudam muito a quebrar muitas coisas que para a gente é mais difícil e as oficinas são importantes para ir desmantelando também os nossos preconceitos. (P3)

4.2 Aplicabilidade da oficina em sala de aula

A dinâmica que os professores mais citaram como aplicável em sala de aula foi a “baladinha”, pois é de fácil aplicabilidade e discute grandes pontos de vulnerabilidades do processo de adolecer.

Na hora da baladinha. [...] achei muito interessante para eles terem uma noção, porque eles vão em festa e beija “trocentos” em uma noite [...] então eu achei bacana isso para eles verem que não tem ninguém que está lá escrito com estrela na testa, dizendo “ó, eu estou contaminado ou eu tenho alguma coisa”. E aí se previna, então, para eles mesmos se prevenirem e que as coisas não podem ser dessa forma. (P18)

Também foi pontuada a importância das dinâmicas que resgatam o conhecimento prévio do aluno

A primeira dinâmica, como eu falei, a de construir conhecimento a partir daquilo que os alunos ou participantes já sabem [...] trabalhar o conhecimento a partir da experiência dos alunos, acho que essa é uma das mais ricas formas de trabalhar a educação. [...] a explicação a partir das imagens, a construção da imagem, por exemplo, do corpo masculino e feminino, a partir do desenho que é a visão que o grupo tinha de homem e mulher. É, interpretar também aquilo que não está colocado na imagem. (P4)

Além disso, não houve consenso sobre a melhor período escolar para abordar o tema na escola, mas enfatizaram a importância de calibrar a forma de abordar o assunto a depender da idade do aluno que receberá a abordagem.

Então surgiu a necessidade, surgiu o assunto, a gente puxa o assunto para o que está falando e faz. Porque é uma questão de orientação, de educação mesmo. Então não tem momento para falar, é a hora que precisa mesmo. [...] Cada metodologia é para uma situação [...] E o mais importante, a gente adequar a cada turma. Então, tem turmas que se interessam mais, tem turmas que se interessam menos, tem umas que pedem, clamam por isso. Porque tem turma que a gente percebe a idade de amadurecimento deles um pouco maior, e eles estão na fase total, outras já são mais calmas, então a gente vai ter que ir dosando. (P16)

4.3 Soluções para fortalecer a abordagem do tema na escola

Algumas estratégias foram apontadas pelos professores como perspectivas para o futuro da educação sexual na escola, levando em consideração a interlocução saúde-educação, planejamento estratégico e desenvolvimento de políticas públicas a longo prazo.

A sexualidade pode te trazer um compromisso, eterno e mudar sua vida radicalmente, a maneira como você lida com ela eu acho que ela cabe muito

em projeto de vida [disciplina], acho que ela cabe também dentro da sociologia. Questões sociais, aborto, a violência contra a mulher, o papel da mulher na sociedade. Dentro da Geografia, você trabalha a questão do crescimento populacional. Português dentro do tema de leitura, interpretação, dentro da produção textual você pode trazer qualquer tema. [...] Até na matemática, por que não? O custo de você ter uma criança hoje. (P3)

Um trabalho com comunidade escolar como um todo, então, professores, funcionários, pais de alunos, familiares e com os próprios alunos. [...] Mas se a gente conseguir explicar para essas pessoas que é um trabalho é de prevenção não só de doença, mas de gravidez na adolescência e de planejamento, familiar e conhecimento científico que a escola tem a função de passar. Acho que para a maioria das famílias fica mais fácil de trabalhar. (P4)

Mais ação, política pública que possa atender mais jovens, vindo na escola, fazendo um trabalho de conscientização, de atendimento às famílias que necessitam desse apoio. (P2)

4.2.6 DISCUSSÃO

Os resultados do estudo oportunizaram a aproximação com o olhar múltiplo e complexo dos participantes em relação a temática tangidos pelas diversas esferas estruturais que permeiam a abordagem da sexualidade. Ademais, os relatos possibilitaram visualizar a importância de abordar a temática no ambiente escolar, mesmo que surjam barreiras a serem enfrentadas.

Pensar a complexidade pelas lentes de Morin (2005) reitera o pressuposto de que é necessário integrar saberes e considerar as interações e interferências que circundam o todo, imerso em especificidades e particularidades. O processo de ensino se constitui na interação entre professor e aluno, porém está envolto por realidades familiares, necessidades e contextos pessoais do educador e formatos pedagógicos que a todo momento interferem, entrelaçam e divergem (Pereira *et al.*, 2022).

Sendo assim, o primeiro princípio do pensamento complexo, o dialógico, que nasce do encontro entre duas entidades pode-se ser correlacionado a dois grandes pilares da formação de um ser, a escola e a família. Nesses dois âmbitos há responsabilidades distintas, mas um necessita do outro resultando em um estado de equilíbrio quando ambos exercem seus papéis, portanto, não são meramente justapostos, mas sim complementares e prediz que se uma das partes falta, conseqüentemente há-se um estado de desarmonia (Morin, 2005).

Dados de uma revisão sistemática publicada em 2022 corroboram com os relatos descritos no presente estudo, pois discute sobre o cenário de aprendizado

como espaço de formação do bem-estar do aluno o que tange seus aspectos biológicos, sociais e psicológico, ao considerar a sexualidade como valor intrínseco ao ser humano, pressupõe que esse seja um tema discutido na escola (Espania *et al.*, 2022).

Alinhado com dados de uma pesquisa realizada com professores de uma escola secundária em Uganda, África, Haas e Hutter (2020), relatos deste estudo trazem a autopercepção do professor como instrumentos que fornecem conhecimento científico, e se tornam rede de apoio por meio das relações que se estabelecem aula a aula com o aluno e se produz espaço de confiança, demonstrando que essa característica de responsabilidade de cuidado com a formação do aluno no que tange a sua segurança sexual, também pôde ser reconhecida em outra realidade cultural.

Haja vista que a sexualidade é macro conceitual e envolve sensibilidade de sentidos e experiências faz com que o professor se defronte com dilemas dessa ordem interrelacionado às incertezas e interferências que o afunilam no sentido da dialogicidade de Morin ao enfrentar a dualidade entre a ordem de abordar o tema e a desordem das inseguranças do desconhecido que emerge das discussões unido ao seio da unidade de certeza da necessidade dessa abordagem (Toniolo; Peres; Montezelli, 2022).

Na contrapartida da importância em abordar a sexualidade no ambiente escolar, há também a dimensão familiar que possui direta influência sobre a concepção de pensamentos e ações do adolescente. Porém, esse grande pilar ainda consiste envolto de desafios. Um estudo com adolescentes mostrou relatos que evidenciaram a falta de abertura para falar sobre sexualidade no ambiente domiciliar, muitos pontuaram a vergonha, a não aceitação do tema por questões religiosas, a falta de proximidade e o medo da crítica ao expor o assunto como motivos para não falarem sobre a sexualidade com familiares (Lima; Pavinati, 2023).

Atrelado a análise dos relatos dos professores que pontuam uma base familiar enfraquecida e distante para o adolescente unido aos dados do estudo citado acima, torna-se clara a lacuna de diálogo com o adolescente no âmbito familiar. Esse fato pode-se dar pelo entrave de que os pais foram formados com regras e contextos sociais que diferem dos padrões atuais e podem ter enfrentado dificuldades no passado para falar sobre essa temática que implica atualmente no desejo ou inconscientemente no sentido de não falar sobre o tema, por não saber se expressar ou mesmo não sentir que possui subsídios para abordar o tema. Outro ponto que pode

gerar atrito ao mencionar a temática no domicílio é que os adultos podem, impor tópicos, pensamentos e regras, consequentemente fechando o espaço de fala (Danzmann *et al.*, 2022) .

Todavia, é fundamental que haja corresponsabilidade entre os dois grandes espaços pelos quais o adolescente frequenta nesse período, o lar e a escola. Pois, presume-se que o processo de adolecer seja permeado de vulnerabilidades dado ao fato que esse período é revestido de intensa transformação biopsicossocial. Portanto, é fundamental que se unam esforços para instruir esse público de modo a promover seu bem-estar e prevenir que situações de vulnerabilidade, como as citadas nos relatos analisados nesse estudo, a gravidez na adolescência, IST e violência, sejam evitadas (Silva; Menezes, 2021).

Existe uma crença popular entre os adolescentes “nunca vai acontecer comigo” quando pensam sobre IST e gravidez na adolescência, entretanto, dados epidemiológicos apontam para um cenário preocupante no que tange esses dois pontos. Segundo UNAIDS (2023), 1,1 mil indivíduos entre 15 à 24 anos são infectados pelo HIV diariamente, também sobre IST, o Ministério da Saúde (2022) destaca que a Sífilis adquirida tem aumentado na população entre 13 a 19 anos e a OMS (2023) aponta que 19 mil nascidos vivos no ano são de mães adolescentes.

Sustentado por esses achados, tem-se uma preocupação singular com relação as consequências negativas à saúde das adolescentes, pois está atrelada a diversas complicações ao longo da gestação e parto, devido a imaturidade biológica que comprometem a saúde da mulher e do bebê. Além disso, meninas que engravidam sofrem consequências distintas aos meninos, um dos grandes impactos que são disparem entre eles são os índices elevados de evasão escolar da gestante não sendo notório no caso dos meninos, casos como estes são perceptíveis aos olhos dos professores e estiveram presentes nos resultados aqui apresentados (Pontes *et al.*, 2023).

Dentre as vulnerabilidades a qual os adolescentes estão expostos, a violência foi uma das também citadas pelos professores neste estudo. Muitas falas correlacionaram o sentimento de dor ao perceber essa realidade no cotidiano do aluno. A violência contra crianças e adolescentes se estabelece como um problema de saúde pública mundial e gera danos severos a saúde física e mental dos mesmos bem como, pior desempenho acadêmico (Pareda, 2023). Em um estudo qualitativo realizado com docentes de uma escola na Bahia, trouxe relatos semelhantes sobre o

sentimento e complexidade que envolve abordar ou acolher alunos vítimas de violência e fundamenta a importância de profissionais que trabalhem com a saúde mental do educador (Cordeiro *et al.*, 2019).

Diante do exposto, compreende-se que há demasiada importância em se trabalhar essa temática no ambiente escolar, no entanto os participantes deste estudo pontuaram também barreiras de ordem macro e micro inferenciais que assolam o professor no desenvolvimento e emprego dessa temática com adolescentes. Em paralelo com essas dificuldades, Morin (2014) fundamenta em sua obra *os sete saberes necessários para educação do futuro* problemas centrais que emergem da educação e realiza profundas discussões que relacionam a subjetividade e multiplicidade inclusa nesses processos.

O primeiro saber necessário posto por Morin é a cegueira do conhecimento, em que traduz a necessidade de crescer ao saber os variados processos pelos quais os fatos são imersos, ou seja, levar em consideração ao formar os aspectos culturais, individuais, psíquicos e multifatoriais (Morin, 2014). Desse modo, na análise dos resultados, uma barreira muito citada pelos professores foi a falta de formação voltada para educadores sobre a temática de sexualidade, pois foi relatado como assunto complexo, que necessita de constantes atualizações.

Um estudo encontrou relatos semelhantes de professores que relatam a importância de teoria e prática caminharem juntas, pois é a partir do fomento da formação docente que haverá subsídio para o planejamento e intervenção na realidade do aluno para assim possibilitar transformá-la. Entretanto essa formação necessita ser construída sob processos que implique em um trabalho livre de identidade profissional, criativo que trilhe um percurso significativo e considere as mínimas partes de um todo que é o aprender para ensinar, vislumbrando uma realidade que clarifique a cegueira do conhecimento exposta por Morin (Souza; Gagliotto, 2023).

Para que essa seja uma realidade é necessário considerar outro estimado problema colocado por Morin (2014), o princípio do conhecimento pertinente, que evidencia a fragmentação do saber em caixas delimitadas e enrijecida dentro de disciplinas, onde a transversalidade se isenta e o conhecimento se torna raso. No Brasil, desde o ano de 2015 as discussões sobre sexualidade foram desencorajadas a acontecer no cenário escolar com PNE e duplamente reprimido em 2017 pela Base Nacional Comum Curricular.

Com as novas diretrizes, a temática foi reduzida sendo discutida apenas no 8º ano do ensino fundamental, somente na disciplina de ciências desde então não há estímulos para que essa abordagem ocorra em sala de aula. Com essa quebra de abordagem tudo o que se construiu na temática de sexualidade no que a tange como assunto transversal de caráter multidisciplinar, como previsto desde 1997 pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, foi desconsiderado e reduzido (Miura *et al.*, 2023).

As falas expostas por professores nesse estudo concordam com o cenário atual ao expor que percebem que a estrutura curricular está “amarrada”, quando sinalizam que as aulas chegam a eles com o conteúdo fechado e pronto, sendo necessário despende tempo e justificativa para que possam modificar essa estrutura proposta pelo Registro de Classe Online, desmotivando em muitos momentos o professor a propor ações que abordem o tema, além de não ser algo previsto ficando à mercê de quem se dispôr a abordar além do que já é estabelecido (Nunes; Leite, 2019).

Em meio a essa imprevisibilidade da abordagem da sexualidade no ambiente escolar, ecoa o terceiro saber de Morin (2014) que propõe ensinar a condição humana. É certo que a educação sexual presente no ambiente escolar é veiculada pelo professor, porém é necessário lembrar que este é um ser integral preenchido de sua identidade complexa.

Desse modo, para ensinar ele precisa passar por cima de suas individualidades para enxergar a necessidade do seu aluno que vem de encontro a ele como outro ser complexo e a transmissão do conhecimento necessita ser horizontal ao reconhecer essa unidade complexa a fim de explorar e formar uma educação que não disciplinar, mas multifatorial, como proposta por Morin (Cararo; Prigol; Behrens, 2021). No entanto, nos dados analisados neste estudo, professores apontam aspectos pessoais de rejeição e abstenção ao tema somatizado a imaturidade do adolescente como pontos dessa complexidade que dificultam abordar a sexualidade na sala de aula.

Outro saber de Morin (2014) que se interpõe com os desafios enfrentados pelos professores, é o de ensinar a compreensão, ensinar o que compreende o todo, compreensão mútua, múltipla que compreende reforma de mentalidade, que aprofunda seus estudos na raiz e evidencia seus efeitos. É assim que se correlaciona a necessidade de compreender aspectos culturais que se esbarram no comportamento e pensamento subsidiados pelos tabus que permanecem entre gerações.

Os tabus que envolvem a sexualidade exprimem um contexto histórico e social de veto ao que se encontra fora dos padrões e marginaliza esses assuntos. A fala sobre sexualidade é ainda hoje velada em detrimento de valores religiosos no ideal de família tradicional. Monroy-Garzon e Silva (2022), discutem resultados semelhantes ao presente estudo com falas impregnadas de tabus que silenciam a sexualidade pelo olhar do adolescente.

Associado aos dados analisados nesse estudo, os professores colocam um grande tabu para esse público-alvo o uso do preservativo, espalha-se a falsa verdade que “o preservativo do posto de saúde não funciona” e assim se incentiva a prática sexual desprotegida. Um estudo com a participação de 499 adolescentes demonstrou que a maioria dos adolescentes do sexo masculino consideravam desnecessário o uso desse método contraceptivo em todas as relações (Rossi *et al.*, 2021).

Outro tabu pontuado pelos professores conflitos geracionais como dificuldades enfrentadas ao relatarem que muitos deles foram criados em um contexto o qual não se era permitido falar sobre sexualidade e questionam sobre a dificuldade e trava na fala quando necessitam abordar o tema, pois foram educados para não falar. Edgar Morin em sua obra *o método* (2005), trata da subjetividade social e do complexo conceito de organização, em que é necessária transformação para se organizar, bem como na trajetória geracional de cada professor é necessário que essa mudança de pensamento gradualmente aconteça para que se tenha a organização de ideias e permita refletir e agir diante de determinado conceito (João, 2023).

Nesse processo complexo e atual, um achado importante do estudo foi a menção da influência midiática sobre a sexualidade do adolescente. Outro estudo com professores e auxiliares da educação infantil, no Rio Grande do Sul, também citaram preocupação com a forma com que a mídia tem influenciado essa população e discute que todas as fontes de mídia têm papel de difundir e “adultizar” esse público, torná-los parte de uma massificação de conceitos e padrões (Silva; Benchaya, 2021).

Com todo o contexto exposto, fica enfatizado a necessidade de se reinventar e fomentar a abordagem com adolescentes sobre educação sexual. Achados desse estudo demonstram que na prática profissional dos professores há momentos que encontram oportunidades de trabalhar essa temática de forma criativa, seja com um conselho brincalhão ou com conexões de conteúdos já estruturados para relacionar com a sexualidades e seus mais diversos aspectos. Morin (2014) exemplifica que a educação precisa ser dinâmica, tornar visível o contexto, sendo a compreensão

cultural, o global que envolve o todo e as partes, o multidimensional que considera o ser humano e a sociedade em suas variadas esferas e o complexo, elementos diferentes, porém constitutivos.

Portanto, uma metodologia muito citada pelos professores como efetiva na construção de saberes, são as metodologias ativas. Estas são repletas de vivências dos participantes, forma conhecimentos através da ação. O processo de aprendizagem para o adolescente necessita ser atrativo e interativo, assim, torna-se fundamental o uso de ferramentas lúdicas e ativas entre esse público para que os conhecimentos transcendam a sala de aula e se concretize em cada aluno possibilitando a multiplicação de informações seguras e se fortaleça na da rotina de práticas seguras no cotidiano do adolescente (Arriagada *et al.*, 2023).

Como ferramenta de metodologia ativa, foi citado no estudo as oficinas construídas por dinâmicas, pontuada pelos professores como espaço de construção e atualização do conhecimento. Seabra *et al.* (2023) trazem falas semelhantes sobre esse método de ensino, enfatiza que essa ferramenta pode ser facilmente aplicada com recursos variados, auxiliar no aprendizado, pois fortalece a discussão e reflexão da temática por meio da participação coletiva, bem como colaboram para a inclusão e o empoderamento dos adolescentes ao integrar as partes, sem desprezar o todo, como propõe Edgar Morin (2005). As oficinas têm caráter transversal, pois integra saberes, tem perspectiva libertadora, crítica e de fundamental importância no processo do saber.

Muitos professores relataram a perspectiva de aplicabilidade das dinâmicas da oficina em sala de aula, destacaram a importância de estar sensível a saber adequar a forma de abordagem a depender da idade, série e maturidade. Moreno e Júri (2023) discorrem sobre a importância da criatividade, pois potencializa o desenvolvimento de novas concepções e favorece a solução de problemas, a participação em oficinas faz exalar a criatividade em se colocar em situações que exigem pensamento rápido, crítico, flexível e assertivo, estimulando a dimensão do criar.

Edgar Morin (2014) incentiva a construção de um conhecimento de um todo, integral, sustenta a ideia de educação como algo que deve favorecer a aptidão nata da mente em formular e resolver problemas. Isso reque o exercício livre da curiosidade e conhecimento expandido, a ser incentivado principalmente na infância e adolescência que com constância e segura instrução caminha para o despertar de um conhecimento amplo, holístico.

4.2.6.1 Limitações do estudo

Embora o presente estudo tenha sido conduzido com rigor metodológico, ele apresenta limitações. Não foi possível realizar todas as entrevistas na semana após a participação dos professores nas oficinas de educação sexual, o que seria ideal para que não houvesse viés de esquecimento, como pode ter acontecido nas entrevistas realizadas meses após a participação na ação. O atraso ocorreu por questões de saúde da pesquisadora impossibilitando-a de se locomover até a escola do estudo.

4.2.6.2 Contribuições do estudo

O estudo condensa e ecoa sobre aspectos complexos que entornam a sexualidade e desmistifica a abordagem com professores ao propor uma metodologia ativa não só como ferramenta para abordar adolescentes, mas também para atualizar a prática docente. Ademais levanta reflexões acerca da necessidade de atualização e maior flexibilidade curricular para inclusão da temática.

4.2.7 CONCLUSÃO

Os resultados revelaram a importância de educar sexualmente a população adolescente, que os espaços oportunos para essa formação são os ambientes escolar e familiar, que quando desequilibrados entre seus papéis, um lado sente a sobrecarga, sendo apontado pelos professores que percebem esse pesar ao entenderem que há uma base familiar fragilizada.

Percebeu-se o complexo interpasso que se assume o professor ao buscar abordar a educação sexual no ambiente escolar, esbarrando em múltiplos desafios ao perceberem fragilidades no conhecimento sobre o tema e insegurança para abordagem, sendo necessário oficinas que possibilitem a capacitação desses professores.

Embora encontrem barreiras, exprimem estratégias para que a temática seja oportunizada em sala de aula e apontam a oficina como metodologia ativa de ensino capaz de favorecer a construção de um saber dinâmico, reflexivo e atrativo para o adolescente e como método que possibilita reestruturar e atualizar a prática dos

docentes e entende a importância de traçar estratégias que tornem a educação sexual como tema transversal nas escolas.

4.2.8 REFERÊNCIAS

ALENCAR, N. E. S. *et al.* Construção e validação de jogo educativo sobre sexualidade para adolescentes. **Revista Cuidarte**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 1-12, 2023. Universidad de Santander - UDES. <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.2354>.

ALMEIDA, R.; Oliveira, J. M. S. Contribuições do pensamento complexo de Edgar Morin aos estudos do imaginário. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 76-85, jan. 2020.

ALVES, L. S.; AGUIAR, R. S. Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa. **Nursing (São Paulo)**, [S.L.], v. 23, n. 263, p. 3683-3687, 27 jul. 2020. MPM Comunicacao. <http://dx.doi.org/10.36489/nursing.2020v23i263p3683-3687>.

ARRIAGADA, C. S. *et al.* Revisión sobre intervenciones de enfermería exitosas en educación sexual en adolescentes. **Enfermería: Cuidados Humanizados**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 1-13, 4 ago. 2023. Universidad Católica de Uruguay. <http://dx.doi.org/10.22235/ech.v12i2.3278>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem.** – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>. Acesso em: 26 set 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº6.286, de 05 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências. Brasília, DF, 05 de dezembro de 2007. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm>. Acesso em 09 nov 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde.** 2023. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/mais-de-52-mil-jovens-de-15-a-24-anos-com-hiv-evoluiram-para-aids-nos-ultimos-dez-anos#:~:text=Em%202021%2C%2040%2C8%20mil,HIV%2Faids%20do%20ano%20passado>>. Acesso em 29 nov 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25 de junho de 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_ATO2011-2014/2014/LEI/L13005.HTM#:~:TEXT=LEI%20N%C2%BA%2013.005%2C%20DE%2025,ART>. Acesso em 18 out. 2023.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research In Psychology**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 77-101, jan. 2006. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research In Sport, Exercise And Health**, [S.L.], v. 11, n. 4, p. 589-597, 13 jun. 2019. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/2159676x.2019.1628806>.

CARARO, J. F. J.; PRIGOL, E. L.; BEHRENS, M. A. A formação de professores para uma prática inovadora sob a óptica do pensamento complexo de Edgar Morin: o ensino da compreensão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2410–2426, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i4.12458. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12458>. Acesso em: 1 dez. 2023.

CORDEIRO, K. C. C. *et al.* Strategies by Educators within the School Setting to Prevent and Cope with the Experience of Domestic Violence by Adolescents. **Aquichan**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 1-10, 14 ago. 2019. Universidad de la Sabana. <http://dx.doi.org/10.5294/aqui.2019.19.3.8>.

DANZMANN, P. S. *et al.* Educação sexual na percepção de pais e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 11, e3981. 2022. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2022.e3981> >. Acesso em: 08 out 2023.

MORIN, E. **O Método 1, 2, 3, 4, 5,6 (Coleção)**. Editora Sulina, 2005.

ESPAÑA, G. C. *et al.* Actitudes de los docentes de secundaria frente a la educación sexual de los adolescentes. **Hacia La Promoción de La Salud**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 203-221, 1 jul. 2022. Universidad de Caldas. <http://dx.doi.org/10.17151/hpsal.2022.27.2.15>.

FORTUNATO, I.; PORTO, M. R. S.. O método natural e o pensamento complexo: uma relação possível para a educação escolar. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 46, n. 1, p. 1-16, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634202046219428>.

HAAS, B.; HUTTER, I.. Teachers' professional identities in the context of school-based sexuality education in Uganda—a qualitative study. **Health Education Research**, [S.L.], v. 35, n. 6, p. 553-563, dez. 2020. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/her/cyaa044>.

HENNINK, M. M.; KAISER, B. N.; MARCONI, V. C.. Code Saturation Versus Meaning Saturation. **Qualitative Health Research**, [S.L.], v. 27, n. 4, p. 591-608, 26 set. 2017. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1049732316665344>.

JOÃO, R. B.. Concepção de corporeidade/subjetividade humana. **Movimento**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 1-23, 24 jul. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.118352>.

LIMA, L. V. *et al.* Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 1-15, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/interface.220651>.

MARTINELI, L. M. B.; BEHRENS, M. A.; PRIGOL, E. L.. O pensamento complexo de Edgar Morin como aporte epistemológico na formação docente. **Educação & Linguagem**, Santa Cruz, v. 23, n. 1, p. 45-65, jan. 2020.

MIURA, P. O. *et al.* Gravidez na adolescência e as experiências da vida escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 27, p. 1-9, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392023-238700>.

MONROY-GARZON, A. M.; SILVA, KÊNIA; L.. Silenciamento da sexualidade do adolescente no contexto rural. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 1-17, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/interface.210572>.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa - Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução do francês: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya- Brasil: ed. UNESCO/Cortez Editora, 2014.

MORENO, A. G.; JÚRI, M. M. M.. Relación existente entre creatividad y rendimiento académico en la adolescencia: una revisión sistemática. **Revista de Psicología Clínica Con Niños y Adolescentes**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 1-8, 2023. Universidad Miguel Hernandez de Elche. <http://dx.doi.org/10.21134/rpcna.2023.10.2.8>.

MOURA, F. N. S.; LEITE, R. C. M.. O conservadorismo e a formação cidadã: a abordagem da sexualidade no ensino fundamental diante do discurso em documentos oficiais. **Educação, Ciência e Cultura**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 61-77, 29 nov. 2019. Centro Universitario La Salle - UNILASALLE. <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v24i3.5468>.

PARANÁ, Secretaria da Educação do Estado do. **Planos de aula do Registro de Classe Online**. 2023. Disponível em: <https://www.unidadepolo.com.br/educadores/>. Acesso em: 03 dez. 2023.

PEREDA, N.. The Social Cost of Violence Against Children and Youth. **Papeles del Psicólogo - Psychologist Papers**, [S.L.], v. 44, n. 3, p. 145-151, 2023. Consejo General de Colegios Oficiales de Psicólogos. <http://dx.doi.org/10.23923/pap.psicol.3021>.

PEREIRA, E. V. *et al.* Pensamento complexo e formação em enfermagem: possibilidades da extensão universitária. **Enfermagem Atual In Derme**, Não Informado, v. 96, n. 39, p. 1-9, jan. 2022.

PEREIRA, F. M. *et al.* Perceptions, experiences and perspectives on school health and the School Health Program: the teachers' viewpoint on the municipal health network of belem-pa. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 1-24, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312021310126>.

PONTES, B. *et al.* Factors related to pregnancy in adolescence: reproductive profile of a group of pregnant women / fatores relacionados a gravidez na adolescência. **Revista de Pesquisa Cuidado É Fundamental Online**, [S.L.], v. 15, p. 1-7, 10 fev. 2023. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcf.v15.11972>.

ROSSI, L. F. *et al.* Educação em saúde relacionada a sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis: uma revisão integrativa. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais: Avanços e Desafios // Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales**, [S.L.], p. 9-17, 10 jul. 2021. Ludomedia. <http://dx.doi.org/10.36367/ntqr.8.2021.9-17>.

SAÚDE. Organização Mundial da. **Gravidez na adolescência**. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-pregnancy>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SEABRA, A. D. *et al.* Metodologias ativas como instrumento de formação acadêmica e científica no ensino em ciências do movimento. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 49, n. 1, p. 1-20, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634202349255299>.

SILVA, R. A.; MENEZES, J. A.. Jovens estudantes da periferia urbana de Garanhuns/PE: discursos relacionados à sexualidade. **Estudos de Psicologia**, [s. /], v. 1, n. 1, p. 56-67, jan. 2021.

TIBIRIÇÁ, V. A. *et al.* Sexualidade e gênero: o que pensam os adolescentes? o papel da escola e sociedade na visão de adolescentes sobre a temática. **Saúde em Redes**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 3955, 4 jul. 2023. Associação Brasileira da Rede Unida. <http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2023v9n2.3955>.

SILVA, T. B. L. *et al.* Pesquisa-Ação sobre educação sexual e temas associados entre jovens adolescentes. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 11, n. 6, p. 1-13, 5 maio 2022. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i6.29283>.

SILVA, W. G.; BENCHAYA, M. C.. Sexualidade infantil: a percepção de professores de uma escola do município de Osório/RS. **Aletheia**, [S.L.], v. 54, n. 2, p. 123-132, jul. 2021.

SOUZA, A.; GAGLIOTTO, G. M. Sexualidade e educação: o papel da escola frente a sexualidade do adolescente. **Faz Ciência**, [S.L.], v. 25, n. 42, p. 218-236, jun. 2023.

SOUZA, V. R. S. *et al.* Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S.L.], v. 34, n. 1, p. 1-2, 2021. Acta Paulista de Enfermagem. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2021ao02631>.

TONIOLO, R. M. M.; PERES, A. M.; MONTEZELI, J. H.. Aproximações entre sistematização da assistência de enfermagem, complexidade e ontologia na prática profissional do enfermeiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [S.L.], v. 43, n. 1, p. 1-8, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210213.pt>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade semeada em meio a sexualidade deflagra diversas barreiras para que essa temática seja abertamente discutida, principalmente ao considerar que essa abordagem aconteça em ambiente escolar, com adolescentes e realizada por professores escolares. Portanto ainda existem lacunas na previsão de ações que visem a educação sexual, nesse espaço e com o público adolescente.

Os professores apresentam subjetividades e contextos os quais, por vezes dificulta o desenvolvimento da educação sexual com os alunos, dentre as barreiras que os assolam, destaca-se a falta de formação voltada para o assunto; Rigidez do sistema de ensino frente a temática; Subjetividades e aspectos pessoais como insegurança e medo; a imaturidade do adolescente; Aspectos culturais como o tabu e o conflito de gerações.

Embora encontrem dificuldades, os professores reconhecem a metodologia ativa de ensino como efetiva para abordar a temática com os adolescentes, no entanto ressaltam a necessidade de atualização e estímulo para propor esse método em sala. A oficina de educação sexual demonstrou-se como uma ferramenta eficiente na construção do saber dos professores sobre sexualidade, bem como em alguns relatos observou-se que para além do tema, aprendeu-se também maneiras de utilizar a metodologia ativa, construída com a oficina, para abordagem da sexualidade.

Ficou sobressalente a necessidade de espaços para formação e discussões voltados a professores escolares para que ocorra atualização, construção de saberes e reflexão da prática profissional exercida sobre a educação sexual.

REFERÊNCIAS

ASSIS, T. S. C. *et al.* Pregnancy in adolescence in Brazil: associated factors with maternal age. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [S.L.], v. 21, n. 4, p. 1055-1064, dez. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042021000400006>.

AZEVEDO, A. E. B. I. *et al.* **Infecções Sexualmente Transmissíveis na Adolescência**. 6. ed. Brasil: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2018. 16 p.

BEXIGA, E. A.; DUARTE, I. Le devenir d'Eva: les transformations entre puberté et adolescence. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, [S.L.], v. 26, n. 230314, p. 1-16, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.e230314>.

BRASIL. **Lei nº8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L8069.HTM>. Acesso em 16 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde do. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids**. Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf/view>. Acesso em: 17 set 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde do. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem**. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf>. Acesso em: 10 set 2023.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico Sífilis, 2022**. Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://www.gov.br/sau/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2022/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out-2022/view>>. Acesso em: 19 set 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação sexual**. 1997. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. Acesso em: 15 set 2023.

BRASIL. **Lei nº8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L8069.HTM>. Acesso em 18 out. 2023.

BUENO, R. C. P.; RIBEIRO, P. R. M.. História da educação sexual no brasil. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 49-56, 31 dez. 2018. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. <http://dx.doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.41>.

BUNGENER, S. L. *et al.* Talking About Sexuality with Youth: a taboo in psychiatry?. **The Journal Of Sexual Medicine**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 421-429, 29 jan. 2022. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1016/j.jsxm.2022.01.001>.

DUBY, Z. *et al.* “Men Rule... this is the Normal Thing. We Normalise it and it’s Wrong”: Gendered Power in Decision-Making Around Sex and Condom Use in Heterosexual Relationships Amongst Adolescents and Young People in South Africa. **AIDS and Behavior**. 2022. Disponível em: < <https://doi.org/10.1007/s10461-022-03935-8>>. Acesso em: 18 set 2023.

FEIBELMANN, T. C. M. *et al.* Puberty in a sample of brazilian schoolboys: onset and anthropometric characteristics. **Revista Paulista de Pediatria**, [S.L.], v. 39, p. 1-7, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2019109>.

FURLANETTO, M. F. *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 48, n. 168, p. 550-571, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/198053145084>.

KOCH R., BEYERS C.. Teaching comprehensive sexuality education using a praxis co-created with adolescents. **Afr J Prm Health Care Fam Med**. 2023;15(1), a3855. <https://doi.org/10.4102/phcfm.v15i1.3855>

LOURO, G. L. **O corpo educado**. [Belo Horizonte]: Grupo Autêntica, 2018. *E-book*. ISBN 9788551301692. Disponível em: < <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551301692/>>. Acesso em: 16 set 2023.

MIURA, P. O. *et al.* Gravidez na adolescência e as experiências da vida escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 27, p. 1-9, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392023-238700>.

MORAIS, N. A. A.; GUIMARÃES, Z. F. S.; MENEZES, J. P. C.. Educação sexual. **Revista de Ensino de Biologia da Sbenbio**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 135-156, 28 jun. 2021. Revista de Ensino de Biologia. <http://dx.doi.org/10.46667/renbio.v14i1.395>.

MOREIRA, G. B. C. *et al.* Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no brasil. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 59-66, jan. 2021.

MOREIRA, A. S. *et al.* Fatores associados ao não uso de preservativo por adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e54011528450, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i5.28450. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28450>>. Acesso em: 18 out. 2023.

NASCIMENTO, T. L. C. *et al.* Fatores associados à variação espacial da gravidez na adolescência no Brasil, 2014: estudo ecológico de agregados espaciais. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 1-12, 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742021000100003>.

RIOS, M. O. *et al.* O programa saúde na escola como ferramenta para a construção da educação sexual na adolescência: um relato de experiência. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, [S.L.], v. 27, n. 5, p. 2354-2369, 18 maio 2023. Universidade Paranaense. <http://dx.doi.org/10.25110/arqsaude.v27i5.2023-015>.

SÁ, D. R. *et al.* Incidência de gravidez na adolescência no período pandêmico nas Unidades Básicas de Saúde em um município da região sul do Estado do Tocantins. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 2, p. e9351. 2022. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/9351>>. Acesso em: 24 set 2023.

UNAIDS. **Boletim epidemiológico 2023**. Brasília: Editora Ms/Cgdi, 2023. 84 p.

ZOMPERO, A. F.; TERUEL, F. M.; KLEIN, T. A. S.. Oficina sobre a higienização das mãos para alunos do curso de enfermagem: uma proposta com a utilização de multimodos de representação. **Saúde em Redes**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 145-159, 11 set. 2022. Associação Brasileira da Rede Unida. <http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2022v8n2p145-159>.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Instrumento de coleta de dados (Pré e pós-teste)

PRÉ-TESTE			
Seção 1 – Questionário sociodemográfico			
QUESTÕES	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
Iniciais do nome (Exemplo: L.S.)			
Idade (em anos)			
Sexo			
Estado civil			
Cor/etnia			
Religião			
Disciplina de atuação			
Tempo de atuação (em anos)			
Seção 2 – Pré-teste			
Constructo do conhecimento: Com relação a construção do CORPO FEMININO E MASCULINO . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
A menarca é a primeira menstruação da mulher.			
Nem toda mulher apresenta sangramento e/ou dor na primeira relação sexual.			
Ter relação sexual não faz crescer as mamas e o glúteo.			
A masturbação e o absorvente interno podem romper o hímen.			
Nem todas as mulheres apresentam sangramento ao romper o hímen.			
Semearca é a primeira ejaculação do menino.			
Polução noturna é a ejaculação que ocorre durante o sono.			
O homem não tem como saber se a mulher é virgem ou não.			
O prazer feminino não depende do tamanho do pênis.			
O local de prazer do homem e da mulher não é apenas no pênis ou na vagina.			
A sexualidade é ampla, abrange o sexo e elementos associados a ele, assim como fatores morais que cada cultura elabora.			
Constructo do conhecimento: Com relação a GÊNERO . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei

No ato sexual o homem não tem que sentir mais prazer do que a mulher.			
Gênero e identidade de gênero têm significados diferentes.			
Identidade de gênero e orientação sexual tem significados diferentes.			
Há diferença entre transgênero e transsexual.			
A sigla "LGBT" atualmente é "LGBTQIAP+"			

Constructo do conhecimento: Com relação aos **MÉTODOS CONTRACEPTIVOS**. Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:

Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
Nenhum método contraceptivo tem 100% de eficácia comprovada.			
A camisinha masculina não deve ser aberta com os dentes.			
Não se pode utilizar duas camisinhas ao mesmo tempo.			
Camisinha previne Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez.			
É importante receber orientação médica para fazer uso de uma pílula anticoncepcional.			
A pílula do dia seguinte não pode ser utilizada com frequência.			
A "tabelinha" não é o método mais indicado para adolescentes, pois os ciclos menstruais são irregulares nessa fase.			
É possível engravidar apenas com o líquido da lubrificação peniana, sem mesmo ter ocorrido a ejaculação.			
O coito interrompido, "gozar fora", não é considerado um método contraceptivo eficaz.			
O DIU não é percebido em uma relação sexual.			
A vasectomia e a laqueadura são métodos contraceptivos cirúrgicos.			

Constructo do conhecimento: Com relação as **INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST)**. Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:

Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
Não existe cura para HIV/Aids, mas existe tratamento.			
HIV é diferente de Aids.			
Não contrai HIV se abraçar ou pegar na mão de uma pessoa soropositiva.			
Uma mulher soropositiva pode gerar filhos sem HIV, se estiver fazendo o tratamento corretamente.			

HPV é diferente de HIV.			
Uma pessoa com HIV, se seguir o tratamento corretamente, pode não transmitir o vírus.			
Se uma pessoa teve Sífilis no passado, se exposta, pode se infectar novamente.			
O tratamento da Sífilis é feito com Benzilpenicilina benzatina (conhecida popularmente por "Benzetacil").			
Herpes genital, gonorréia, hepatite (A, B e C), também são consideradas IST.			
Constructo do conhecimento: Com relação a VIOLÊNCIA e DIREITO DOS ADOLESCENTES . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
ECA é a sigla dada para Estatuto da Criança e do Adolescente.			
Meninas de 12 anos ou mais podem passar por consulta no posto de saúde para fazer uso de anticoncepcional sem acompanhante responsável.			
A partir de 14 anos é possível fazer o teste rápido de HIV sem um acompanhante responsável.			
O ECA busca a proteção integral das crianças e do adolescente.			
O pós-teste foi igual ao pré-teste, porém sem o questionário sociodemográfico			

APÊNDICE B

Quadro de letramento em saúde

OFICINAS DINÂMICAS	TEMAS ESSENCIAIS	REFERÊNCIAS ENCONTRADAS	ADEQUAÇÃO
Construção do corpo Feminino e masculino	Anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino; Sexualidade humana; Padrões e estereótipos.	Corpo Feminino	
		Na primeira transa sangra e dói.	Nem toda mulher apresenta sangramento e/ou dor na primeira relação sexual.
		A menarca é a primeira menstruação da mulher.	A menarca é a primeira menstruação da mulher.
		A primeira relação sexual não engravida.	Na primeira relação sexual, se desprotegida, é possível engravidar.
		Se a garota se masturbar pode romper o hímen.	A masturbação pode romper o hímen.
		O local de prazer da mulher é só na vagina.	O local de prazer do homem e da mulher não é apenas no pênis ou na vagina.
		Usar absorvente interno perde a virgindade.	Usar absorvente interno pode romper o hímen.
		O rompimento do hímen sempre causa sangramento.	Nem todas as mulheres apresentam sangramento ao romper o hímen.
		A mudança do corpo (aumento das mamas e bumbum) está relacionada com o número de vezes que a mulher tem relação sexual.	A relação sexual não faz crescer as mamas e o glúteo.
		Corpo Masculino	
		Polução noturna é a ejaculação que ocorre no período noturno.	Polução noturna é a ejaculação que ocorre durante a noite

			(ou melhor colocar durante o sono).
		O menino sempre sabe quando a mulher nunca teve relação sexual.	O homem não tem como saber quando a mulher nunca teve relação sexual.
		A semenarca é a primeira ejaculação do menino.	A semenarca é a primeira ejaculação do menino.
		Com a entrada de sangue nos corpos cavernosos, por estímulo parassimpático, o pênis aumenta de tamanho e fica ereto.	Com a entrada de sangue nos corpos cavernosos, o pênis aumenta de tamanho e fica ereto.
Corpo Feminino e Masculino			
		O orgasmo acontece somente com penetração vaginal e anal.	O orgasmo feminino e masculino não depende exclusivamente da penetração vaginal e/ou anal.
		Quanto maior o pênis do garoto maior será o prazer da garota.	O prazer feminino independe do tamanho do pênis.
		O ato sexual passa por quatro estágios: Excitação; Platô; Orgasmo e Resolução.	O ato sexual passa por quatro estágios: Excitação; Platô; Orgasmo e Resolução.
<p>Referências: 1.ZANI, A. V. ; BECCHI, A. D. ; Alves, Barbara de Andrade ; CARREIRA, C. M. ; BARICATI, C. C. A. ; LOPES, D. B. M. ; GABANI, F. L. ; MARTINS, Julia Trevisan ; YAGI, M. C. N. ; MELO, M. R. ; Karino, Márcia E. ; VOLPATO, M. P. ; Kreling, Maria Clara G. D. ; CESTARI, M. E. W. ; TACLA, M. T. G. M. ; GOMES, N. C. R. C. ; MARINELLO, P. C. ; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta . Práticas do Cuidar. In: Elaine Alves e Elma Mathias Dessunti. (Org.). Cadernos de módulos. 1ed.Londrina-Paraná: Madrepérola,</p> <p>2.CAMARGO, Elisana Agatha Iakmiu ; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta . Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso), v. 14, p. 937-946, 2009.</p> <p>3.FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta; JEOLÁS, Leila Sollberger . Vulnerabilidades juvenis: sexualidade, acidentes e homicídios. In: Leila Sollberger Jeolás; Maria Angela Silveira Paulilo; Maria Regina Clivati Capelo. (Org.). JUVENTUDES, DESIGUALDADES E DIVERSIDADES: ESTUDOS E PESQUISAS. 1ed.Londrina: EDUEL e Fundação Araucária, 2007, v. 1,p. 51-93</p>			

Questão de gênero	Vantagens e desvantagens de ser homem e mulher; Construção social dos gêneros (Sexo biológico, gênero, orientação sexual).	Gênero: Estrutura social e construção histórica do que é ser homem/masculino ou mulher/feminino nas diferentes épocas e sociedades. Identidade de gênero: Como cada pessoa se identifica em relação ao seu gênero.	Gênero e identidade de gênero têm significados diferentes.
		Cisgênero (cis): Pessoa que se identifica com o gênero designado ao nascimento.	Cisgênero é uma pessoa que se identifica com o gênero designado ao nascimento.
		Homossexual: Pessoa que sente atração sexual por pessoas do mesmo gênero.	Uma pessoa que sente atração sexual por pessoas do mesmo gênero é considerada homossexual.
		Bissexualidade é o relacionamento tanto com homem quanto com mulher.	Bissexualidade é o relacionamento tanto com homem quanto com mulher.
		Heterossexualidade: É a relação entre homem e mulher.	Heterossexualidade é a relação entre homem e mulher.
		Transexual – sente que sua anatomia não corresponde à sua identidade e tem um forte desejo de modificar o corpo, por meio da terapia hormonal e da cirurgia de redesignação sexual	Transexual é aquele que sente a sua anatomia não corresponder à sua identidade e tem o desejo de modificar fisicamente o seu corpo.
		Transgênero – quer poder se expressar como o sexo oposto (usando roupas, por exemplo), mas não tem necessidade de modificar sua anatomia.	Transgênero quer se expressar como o sexo oposto (usando objetos como roupas), mas não tem a necessidade de

			modificar fisicamente o seu corpo.
<p>Referências: 1. CIASCA, S.V.; HERCOWITZ, A.; JUNIOR, A.L. Saúde LGBTQIA+ : práticas de cuidado transdisciplinar: Editora Manole, 2021. 9786555764857. Disponível em: https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555764857/. Acesso em: 20 Jul 2022.</p> <p>2. ZANI, A. V. ; BECCHI, A. D. ; Alves, Barbara de Andrade ; CARREIRA, C. M. ; BARICATI, C. C. A. ; LOPES, D. B. M. ; GABANI, F. L. ; MARTINS, Julia Trevisan ; YAGI, M. C. N. ; MELO, M. R. ; Karino, Márcia E. ; VOLPATO, M. P. ; Kreling, Maria Clara G. D. ; CESTARI, M. E. W. ; TACLA, M. T. G. M. ; GOMES, N. C. R. C. ; MARINELLO, P. C. ; FERRARI, Rosangela Aparecida Pimenta . Práticas do Cuidar. In: Elaine Alves e Elma Mathias Dessunti. (Org.). Cadernos de módulos. 1ed.Londrina-Paraná: Madrepérola,</p>			
Métodos contraceptivos	<p>Métodos contraceptivos:</p> <p>I - Reversíveis: Comportamentais; De barreira; Dispositivos intrauterinos; Hormonais; De emergência.</p> <p>II - Definitivos: Cirúrgicos</p> <p>*O que conhecem, utilização, indicação e contra-indicação.</p>	Métodos Reversíveis	
		O correto é que a camisinha masculina seja aberta somente com os dedos.	O correto é que a camisinha masculina seja aberta somente com os dedos.
		Para maior segurança devo utilizar duas camisinhas.	Não se deve utilizar duas camisinhas.
		Devo segurar a camisinha feminina no momento da introdução do pênis.	Devo segurar a camisinha feminina no momento da introdução do pênis.
		Devo tomar sem receita médica (Pílula Anticoncepcional). Existem diferentes tipos de pílulas com diferentes tipos de dosagem hormonal.	É importante receber uma orientação médica para se fazer uso de uma pílula anticoncepcional.
		Devo tomar o quanto antes, até no máximo 3 dias após a relação sexual desprotegida (Pílula do dia seguinte). É um método exclusivamente emergencial, só em caso de rompimento da camisinha ou estupro (Pílula do dia seguinte).	Quando indicado o uso da “pílula do dia seguinte”, deve ser ingerida o quanto antes, até no máximo 3 dias após a relação sexual desprotegida.
		É o método mais indicado para adolescentes, pois os ciclos menstruais são regulados (Tabelinha).	A tabelinha não é o método mais indicado para adolescentes, pois os ciclos menstruais são irregulares.

		O DIU atrapalha a relação sexual.	O DIU não é percebido em uma relação sexual.
		É possível engravidar sem ter ejaculado, apenas com o líquido da lubrificação.	É possível engravidar sem ter ejaculado, apenas com o líquido da lubrificação.
		É possível engravidar apenas com a ejaculação próximo da vagina.	É possível engravidar apenas com a ejaculação próximo da vagina.
Métodos definitivos			
		Art. 10. Somente é permitida a esterilização voluntária nas seguintes situações: I - em homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de vinte e cinco anos de idade ou, pelo menos, com dois filhos vivos, desde que observado o prazo mínimo de sessenta dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico, período no qual será propiciado à pessoa interessada acesso a serviço de regulação da fecundidade, incluindo aconselhamento por equipe multidisciplinar, visando desencorajar a esterilização precoce;	A vasectomia e/ou laqueadura somente são permitidos em homens e mulheres com mais de vinte e cinco anos de idade e/ou com dois filhos vivos.
		A laqueadura é um método cirúrgico irreversível. Nessa cirurgia é feito um corte nas duas trompas e posteriormente são fechadas com grampos e anéis ou cauterizadas, impedindo o encontro do espermatozoide com o óvulo.	A laqueadura é um método cirúrgico, realizado em mulheres, que impede o encontro entre o espermatozoide e o óvulo.

		A vasectomia é um método cirúrgico, em que os canais deferentes são cortados, cauterizados ou fechados por anéis. Esse método interrompe a passagem dos espermatozoides para as vesículas seminais, não deixando que eles estejam presentes no líquido seminal (sêmen).	A vasectomia é um método cirúrgico, realizado em homens, que interrompe a presença dos espermatozoides no líquido seminal (sêmen).
<p>Referências: 1.MARTINS, L.B.M; et.al. Conhecimentos sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. Rev. Saúde Pública, 2006;40(1):57-64. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/sz7rvgr8YGCgq5NvmsKj7vB/?format=pdf&lang=pt>.</p> <p>2.MOLINA, M.C.C. et.al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. O Mundo da Saúde, São Paulo, 2015; 39(1):22-31. Disponível em: <https://bvsm.saude.gov.br/bvs/periodicos/mundo_saude_artigos/Conhecimento_adolescentes_ensino.pdf>.</p> <p>3.Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.</p> <p>4.BRASIL. Lei nº9263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, v. 1996.</p> <p>5.ZANI, A. V. ; BECCHI, A. D. ; Alves, Barbara de Andrade ; CARREIRA, C. M. ; BARICATI, C. C. A. ; LOPES, D. B. M. ; GABANI, F. L. ; MARTINS, Julia Trevisan ; YAGI, M. C. N. ; MELO, M. R. ; Karino, Márcia E. ; VOLPATO, M. P. ; Kreling, Maria Clara G. D. ; CESTARI, M. E. W. ; TACLA, M. T. G. M. ; GOMES, N. C. R. C. ; MARINELLO, P. C. ; FERRARI, Rosangela Aparecida Pimenta . Práticas do Cuidar. In: Elaine Alves e Elma Mathias Dessunti. (Org.). Cadernos de módulos. 1ed.Londrina-Paraná: Madrepérola, 2.</p>			
IST HIV/Aids	Infecções Sexualmente Transmissíveis: O que conhecem, formas de transmissão e prevenção; Comportamento de risco.	Existe cura para Gonorréia e Clamídia.	Não existe cura para HIV/Aids, mas existe tratamento.
		Se uma pessoa teve Gonorréia no passado, ela é imune (protegida) e não pode pegar de novo.	Se uma pessoa teve Sífilis no passado, ela pode ter novamente, caso seja exposta a bactéria causadora da doença.
		O Papilomavírus Humano (HPV) pode causar o HIV.	O Papilomavírus Humano (HPV) é diferente do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).
		Mesmo que seu parceiro(a) não tenha nenhuma lesão no pênis, ou no ânus ou na	Mesmo que seu parceiro(a) não tenha nenhuma

		vagina, ele/ela pode passar sífilis para você.	lesão no pênis, ou no ânus ou na vagina, ele/ela pode passar sífilis para você.
		Gente, tenho uma dúvida séria, usei sem querer o fone de ouvido de uma pessoa que tem AIDS. Posso ter contraído HIV?	Não contrai HIV se compartilhar objetos pessoais, ter contato com o suor ou saliva de uma pessoa soropositiva.
		Gente, me ajuda! Uma pessoa pode apresentar sintomas de HIV em menos de 24 horas após uma suposta contaminação?	Uma pessoa infectada pelo HIV pode levar entre seis a oito anos (períodos de latência clínica) para apresentar sinais e sintomas clínicos expressivos.
		Tenho uma curiosidade. Um homem com HIV pode ter relações com uma mulher que não tem HIV e ela se “contaminar” e ter filhos sem HIV?	Uma mulher soropositiva, pode gerar filhos sem HIV.
		Eu sou garoto, e fiz sexo oral em um cara sem camisinha, corro o risco de pegar Aids? Semana passada, transei sem camisinha com um cara, mas depois de 2 minutos, coloquei a camisinha. Tenho chance de pegar HIV?	É possível contrair HIV pelo sexo oral, vaginal e anal, sem camisinha.
		Mosquito dá Aids? Posso ter sido picada pelo mosquito do HIV? Assim como Dengue, Chicungunha entre outras doenças, HIV pode ser transmitida por mosquitos?	Picada de inseto não transmite HIV.
		Galera tenho uma dúvida, se eu tiver HIV quer dizer que no futuro terei Aids?	Quem tem HIV, pode não desenvolver a

			Aids, se seguir o tratamento corretamente.
<p>Referências: 1.UNAIDS. BRASIL. Gabarito desafio UNAIDS. 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2017/11/gabarito_desafio_unaids.pdf> Acesso em: 18 Jul 2022.</p> <p>2.Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. – Brasília : Ministério da Saúde, 2020.</p> <p>3.TEIXEIRA, L.O; FIGUEIREDO, V.L.M; SASSI, R.A.M. Adaptação transcultural do Questionário sobre Conhecimento de Doenças Sexualmente Transmissíveis para o português brasileiro. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. 64 (3), 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/zvsyPMg8VQh6ckXvpMK5yZs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 Jul 2022.</p>			
Violência contra o adolescente	<p>Violência contra o adolescente:</p> <p>Tipos e condutas de prevenção;</p> <p>Direitos e instituições de apoio ao adolescente.</p>	Caraca, galera. Fiz sexo e não usei camisinha. Mesmo sendo menor de idade, posso fazer o teste de HIV sem a presença dos meus responsáveis?	<p>O adolescente (12 – 18 anos) pode realizar o teste de HIV sem a presença de um responsável.</p> <p>Para uma criança (0 – 12 anos) realizar o teste de HIV é obrigatório a presença de um responsável.</p>
		O crime com maior número de vítimas de 0 a 17 anos é o estupro.	O crime com maior número de vítimas de 0 a 17 anos é o estupro.
		Menor de 18 anos pode passar por consulta no posto de saúde para fazer uso de anticoncepcional sem um acompanhante responsável.	Menor de 18 anos pode passar por consulta no posto de saúde para fazer uso de anticoncepcional sem um acompanhante responsável.
		O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece os direitos e deveres da União e dos pais/responsáveis pelos mesmos.	O ECA é a sigla dada para o Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse estatuto busca a

			proteção integral das crianças e dos adolescentes.
<p>Referências: 1.SUMÁRIO EXECUTIVO. Violência contra crianças e adolescentes (2019-2021). Fórum Brasileiro de Segurança Pública, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-2019-2021.pdf>. Acesso em: 20 Jul 2022.</p> <p>2.UNAIDS. BRASIL. Gabarito desafio UNAIDS. 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2017/11/gabarito_desafio_unaids.pdf> Acesso em: 18 Jul 2022.</p> <p>3.FERRARI, Rosangela Aparecida Pimenta; JEOLÁS, Leila Sollberger . Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. <i>Ciência e Saúde Coletiva</i> (Impresso), www.scielo.br, v. 8, n.2, p. 611-620, 2003.</p> <p>4.Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Passo a passo PSE : Programa Saúde na Escola : tecendo caminhos da intersetorialidade / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica, Ministério da Educação. – Brasília : Ministério da Saúde, 2011. 46 p. : il. – (Série C. Projetos, programas e relatórios).</p> <p>5.Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado / Murillo José Digiácomo e Ildeara Amorim Digiácomo.- Curitiba .. Ministério Público do Estado do Paraná. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente, 2017. 7ª Edição.</p>			

APÊNDICE C

Escala *Likert* para validade de conteúdo do pré e pós-teste

Você está participando da pesquisa intitulada “**ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS**”. O objetivo deste estudo é desenvolver, validar, implementar e avaliar o efeito de ações de promoção da saúde sexual, prevenção e redução da exposição ao HIV e Aids para adolescentes, jovens, graduandos de enfermagem, profissionais de saúde e professores do ensino fundamental II e médio. Este estudo foi autorizado pela Secretaria Estadual de Educação e com parecer favorável sob o CAAE 61140022.5.0000.5231 do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina-PR manterá sigilo de todos os dados. Abaixo está apresentada a versão das questões após elaboração e ajustes. Leia as questões abaixo e assinale de acordo com o seu entendimento, sendo:

0: Não entendi nada

1: Entendi um pouco

2: Entendi mais ou menos

3: Entendi quase tudo, mas tive algumas dúvidas

4: Entendi perfeitamente e não tenho dúvidas

Horário Início do preenchimento do questionário: _____

Questões	Você entendeu o que foi perguntado?				
	Não entendi nada	Entendi um Pouco	Entendi mais ou menos	Entendi quase tudo	Entendi perfeitamente e não tenho dúvidas
Enunciado: Com relação a construção do CORPO FEMININO E MASCULINO . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:	0	1	2	3	4
A menarca é a primeira menstruação da mulher. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Nem toda mulher apresenta sangramento e/ou dor na primeira relação sexual. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Ter relação sexual não faz crescer as mamas e o glúteo. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
A masturbação e o absorvente interno podem romper o hímen. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Nem todas as mulheres apresentam sangramento ao romper o hímen. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Semenarca é a primeira ejaculação do menino. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4

Poluição noturna é a ejaculação que ocorre durante o sono. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
O homem não tem como saber se a mulher é virgem ou não. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
O prazer feminino independe do tamanho do pênis. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
O local de prazer do homem e da mulher não é apenas no pênis ou na vagina. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
A sexualidade é ampla, abrange o sexo e elementos associados a ele, assim como fatores morais que cada cultura elabora. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Enunciado: Com relação a GÊNERO . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:	0	1	2	3	4
No ato sexual o homem não tem que sentir mais prazer do que a mulher. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Gênero e identidade de gênero têm significados diferentes. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Identidade de gênero e orientação sexual tem significados diferentes. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Há diferença entre transgênero e transsexual. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
A sigla "LGBT" atualmente é "LGBTQIAP+" () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Enunciado: Com relação aos MÉTODOS CONTRACEPTIVOS . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:	0	1	2	3	4
Nenhum método contraceptivo tem 100% de eficácia comprovada. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
A camisinha masculina não deve ser aberta com os dentes. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Não se pode utilizar duas camisinhas ao mesmo tempo. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Camisinha previne Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
É importante receber orientação médica para fazer uso de uma pílula anticoncepcional. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
A pílula do dia seguinte não pode ser utilizada com frequência.	0	1	2	3	4

() Verdadeiro () Falso () Não sei					
A tabelinha não é o método mais indicado para adolescentes, pois os ciclos menstruais são irregulares nessa fase. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
O coito interrompido, "gozar fora", não é considerado um método contraceptivo eficaz. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
O DIU não é percebido em uma relação sexual. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
A vasectomia e a laqueadura são métodos contraceptivos cirúrgicos. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Enunciado: Com relação as INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST). Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:	0	1	2	3	4
Não existe cura para HIV/Aids, mas existe tratamento. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
HIV é diferente de Aids. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Não contrai HIV se abraçar ou pegar na mão de uma pessoa soropositiva. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Uma mulher soropositiva pode gerar filhos sem HIV, se estiver fazendo o tratamento corretamente. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
HPV é diferente de HIV. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Uma pessoa com HIV, se seguir o tratamento corretamente, pode não transmitir o vírus. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Se uma pessoa teve Sífilis no passado, se exposta, pode se infectar novamente. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
O tratamento da Sífilis é feito com Benzilpenicilina benzatina (conhecida popularmente por "Benzetacil"). () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Herpes genital, gonorréia, hepatite (A, B e C), também são consideradas IST. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
Enunciado: Com relação a VIOLÊNCIA e DIREITO DOS ADOLESCENTES. Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:	0	1	2	3	4
ECA é a sigla dada para Estatuto da Criança e do Adolescente. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4

Meninas de 12 anos ou mais podem passar por consulta no posto de saúde para fazer uso de anticoncepcional sem acompanhante responsável. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
A partir de 14 anos é possível fazer o teste rápido de HIV sem um acompanhante responsável. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4
O ECA busca a proteção integral das crianças e do adolescente. () Verdadeiro () Falso () Não sei	0	1	2	3	4

Horário término do preenchimento do questionário: _____

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professores

Convido você para participar de um recorte da pesquisa intitulada “**ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS**”. O objetivo deste estudo é desenvolver, validar, implementar e avaliar o efeito de ações de promoção da saúde sexual, prevenção e redução da exposição ao HIV e Aids para adolescentes, jovens, graduandos de enfermagem, profissionais de saúde e professores do ensino fundamental II e médio. Este estudo será autorizado pela Secretaria Estadual de Educação e com parecer favorável sob o número (466/2012) do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina-PR.

Solicito sua autorização para realizar gravações durante os momentos de discurso e entrevista, para que as informações possam ser utilizadas na pesquisa, nos artigos a serem publicados e nas apresentações de trabalhos em eventos. Os resultados poderão subsidiar propostas de ações para melhorar a prevenção e reduzir a transmissão de HIV/Aids para adolescentes e jovens. Após o término da pesquisa as gravações serão destruídas, garantindo sigilo dos dados, não sendo utilizado para pesquisas futuras.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você:

Recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, a preservar sua identidade, em momento algum seu nome será divulgado; Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerada por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os possíveis riscos do estudo se referem a disponibilizar seu tempo e alguns desconfortos que pode ter durante a oficina, porém poderá interromper sua participação a qualquer momento. Faremos o possível para auxiliá-la caso algum desconforto ocorra, esclarecendo-o(a) ou tranquilizando-o(a) e providenciando encaminhamentos, caso seja necessário. em concordância com a resolução 466/12 CEP/CONEP, quaisquer riscos que ocorram com os participantes dessa pesquisa, serão amparados pelo pesquisador responsável. **Os benefícios** deste estudo é conscientizar os adolescentes e jovens acerca do tema e assim conseguir minimizar os índices de novas infecções pelo HIV.

Caso você apresente dúvidas ou necessidade de maiores esclarecimentos poderá entrar em contato com Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari, pelo telefone celular ou via e-mail: ropimentaferrari@uel.br. Você também pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br. Para maiores informações ou em caso de não querer mais participar do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina pelo telefone (43) 3371-4000.

Este termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias de igual teor, sendo uma delas entregue à você e a outra arquivada com o pesquisador. Tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima, caso seja menor de idade o responsável é quem irá preencher e assinar a autorização.

Assinatura do pesquisado

Como pesquisador, declaro:

Ter realizado todas as orientações necessárias.

Pesquisador- RG

Cidade:.....-PR,.....de.....de 20.....

ANEXOS

ANEXO A**Parecer de aprovação da Secretaria de Estado da Educação****SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED****ANEXO VI da RESOLUÇÃO N.º 406/2018 – GS/SEED****TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NRE PARA A UNIDADE CEDENTE**

Senhor (a) Coordenador (a),

Declaramos que este Núcleo Regional de Educação NRE Londrina, está de acordo com a condução do projeto de pesquisa intitulado

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS

a ser realizado pelas pesquisadoras LUANA DA SILVA, JESSICA APARECIDA MASSONI MACHADO e ROSÂNGELA APARECIDA PIMENTA FERRARI com participação da rede estadual de ensino, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com Seres Humanos, da Universidade


Estamos cientes que os participantes da pesquisa alunos e professores pertencentes à Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, bem como de que o presente trabalho deverá seguir a Resolução 406/2018 e o Protocolo de Biossegurança, indicado às escolas.

Da mesma forma, temos ciência que o (a) pesquisador (a) somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do Parecer de Aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina.

Londrina, 20 de setembro de 2022.


Leonardo Zanoni

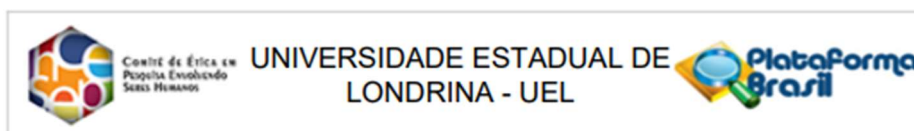
Representante da CAA no NRE


Jéssica Elizabeth Gonçalves Pieri

Chefe do NRE de Londrina

ANEXO B

Parecer de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS

Pesquisador: Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 61140022.5.0000.5231

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Londrina - UEL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.681.581

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa intitulado "ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS", sob responsabilidade da pesquisadora Prof. Dr. Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari, vinculada ao CCS UEL.

Trata-se de pesquisa de natureza quantiqualitativa, de multimétodo e sequenciada a ser realizada em cinco estados brasileiros (Goiás, Pará, Ceará, Paraná e Rio Grande do Norte), contudo não se trata de estudo multicêntrico. A população de estudo será selecionada de acordo com a área adscrita da Unidade de Saúde da Família sendo, adolescentes e jovens (10 a 24 anos), graduandos de enfermagem, profissionais de saúde da atenção primária e professores da educação básica (fundamental e médio).

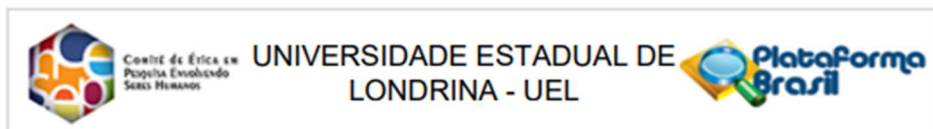
O estudo contará com três grandes etapas, a saber:

- (1) Análise do cenário atual;
- (2) Desenvolvimento e validação de tecnologia educacional e
- (3) Implementação e avaliação de estratégias de enfrentamento do problema.

A etapa 1 será constituída por três subprojetos:

- 1a. 1.b, estudos de caráter ecológico retrospectivo com abordagem quantitativa que envolverá a determinação da expressão geográfica do HIV e Aids entre adolescentes e jovens (10 a 24 anos)

Endereço: LABESC - Sala 14
Bairro: Campus Universitário
UF: PR **Município:** LONDRINA
Telefone: (43)3371-5455 **CEP:** 86.057-970
E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.681.581

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	28/07/2022 21:24:19	Rosangela Aparecida Pimenta Ferrari	Aceito
----------------	-----------------------------	------------------------	--	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 04 de Outubro de 2022

Assinado por:
Adriana Lourenço Soares Russo
 (Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 86.057-970
UF: PR **Município:** LONDRINA
Telefone: (43)3371-5455 **E-mail:** cep268@uel.br